

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

HILDA FREITAS SILVA

BAIRRO NORTISTA (JUSSARA-GO)
A Migração e a (re)construção de um lugar

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Hilda Freitas Silva

Título do trabalho: BAIRRO NORTISTA (JUSSARA-GO) A Migração e a (re)construção de um lugar

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Hilda Freitas Silva
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 29, 10, 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

HILDA FREITAS SILVA

BAIRRO NORTISTA (JUSSARA-GO)
A Migração e a (re)construção de um lugar

Dissertação elaborada sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Izabela M. Tamasso, e apresentada como co-requisito
para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de
Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para
obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.
Orientadora Prof^a. Dr^a. Izabela M. Tamasso

GOIÂNIA
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freitas Silva, Hilda
BAIRRO NORTISTA (JUSSARA-GO) [manuscrito] : A Migração e a
(re)construção de um lugar / Hilda Freitas Silva. - 2019.
CIX, 109 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Izabela Maria Tamaso.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social, Goiânia, 2019.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico,
tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Migração.. 2. Etnográfico.. 3. Bairro Nortista.. I. Maria Tamaso,
Izabela , orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
HILDA FREITAS SILVA**

Aos vinte e oito dias do mês de agosto de 2019, às 10 horas, na Sala de Defesas AS-03 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, prédio Humanidades II, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de **HILDA FREITAS SILVA**, intitulada *BAIRRO NORTISTA (JUSSARA-GO): A MIGRAÇÃO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR*. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores Doutores: Izabela Maria Tamasso (PPGAS/UFG/presidente), Manuel Ferreira Lima Filho (PPGAS/UFG) e Yussef Daibert Salomão de Campos (PPGH/UFG), com Janine Helfst Leicht Collaço (PPGAS/UFG) como suplente. A candidata apresentou o trabalho, os examinadores a arguíram e ela respondeu às arguições. Às 12 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foram atribuídos à mestranda os seguintes resultados:

☒ **Aprovada** () Reprovada

Dr.^a Izabela Maria Tamasso _____

☒ **Aprovada** () Reprovada

Dr. Manuel Ferreira Lima Filho _____

☒ **Aprovada** () Reprovada

Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos _____

Resultado Final _____

Reaberta a sessão pública, a presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Elder Pereira Dias, secretário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e pelos membros da Banca Examinadora.

Elder Pereira Dias _____

HILDA FREITAS SILVA

**MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL:
o caso do Bairro Nortista em Jussara (GO)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Goiás como co-requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada em Goiânia no dia ____ de _____ de _____.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Izabela M. Tamaso
Orientadora – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho
(Membro 1 – FCS/UFG)

Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos
(Membro 2 – FH/UFG)

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, pois sem ele nada conseguiria. Agradeço a minha mãe Idalmir e meu pai Luiz; a meu irmão Luiz Carlos; a Isadora, Helena e Juliana. Também agradeço a meu tio Gil, a advogada Mariana, Jacqueline, Giselle, José Ricardo, Rosana, Túlio, Roger, Celma, Gleidson, Óscar, Madalena, Lucinete, Duarte, Samuel, Eliane, Ana Paula e Matheus.

Agradeço a professora doutora Janine Helfst Leicht Collaço (FCS/UFG); aos professores doutores Manuel Ferreira Lima Filho (FCS/UFG) e Yussef Daibert Salomão de Campos (FH/UFG). Como também agradeço de forma especial todos os meus interlocutores e à professora doutora Izabela Tamaso pela delicadeza e profissionalismo no decorrer do mestrado.

E por último agradeço a Josué pela amizade irrestrita e pelo cuidado que tem comigo!

RESUMO

Esse trabalho contempla a migração e (re)construção de lugar, dentro do processo que oscila entre rural e urbano. O lugar é o Bairro Nortista, situado em Jussara, interior do estado de Goiás. A pesquisa foi feita com um grupo de 50 pessoas adultas. A escolha dessas pessoas é devido a elas terem uma memória e de experiências de tempo passado no Bairro Nortista e/ou nos estados nordestinos. O interesse dessa pesquisa surge a partir da percepção da marginalidade de reconhecimento oficial de participação desses moradores do bairro na formação da cidade, como também a atribuição constante de outros moradores de outros bairros de que o Bairro Nortista é um lugar perigoso e, portanto, ruim de viver. Nesse sentido, essa pesquisa faz construção e análise etnográfica do bairro supracitado para conhecer o cotidiano das pessoas que ali vivem. Observa-se preliminarmente que é formado por famílias que são vizinhas e amigas de algumas décadas, em que elas próprias demonstram e dizem que lá é um lugar bom de viver, desfazendo ou refutando a narrativa oficial que vigora na cidade. Para esse contexto, utilizo a teoria antropológica como suporte de pesquisa e desde já uso Yi-Fu-Tuan (1983, p.182) quando ele diz que “a importância específica muda com o tempo, ao passo que a geral permanece”. Diante disso, entende-se que este trabalho possui importância geral, pois se enquadra em contexto de migração, sem intervenção e incentivo direto do governo; e específico, visto que as pessoas que estão envolvidas possuem singularidades que construíram e reconstróem um lugar, movimento que por vezes explode a História oficial. Com isso, o estudo abarca tanto com tempo na perspectiva diacrônica, como sincrônica. Justifica-se isso, porque não se ignora história através dos tempos, como também não ignora a perspectiva presente de vivência. Assim, utiliza-se o processo de construção dos sentidos dos lugares e a valorização das experiências para compreender os usos e costumes dos moradores, tal como para aproximar da compreensão da constituição antropológica de suas memórias e identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Etnográfico. Bairro Nortista.

ABSTRACT

This work contemplates the migration and (re) construction of place, within the process that oscillates between rural and urban. The place is the Northern District, located in Jussara, interior of the state of Goiás. The research was done with a group of 50 adults. These people are chosen because they have a memory and experiences of time spent in the Northern District and / or the northeastern states. The interest of this research arises from the perception of the marginality of official recognition of participation of these neighborhood residents in the formation of the city, as well as the constant attribution of other residents of other neighborhoods that the Northern District is a dangerous and therefore bad place. of living. In this sense, this research builds and ethnographic analysis of the aforementioned neighborhood to know the daily lives of the people who live there. It can be observed preliminarily that it is formed by families that are neighbors and friends of some decades, in which they themselves demonstrate and say that there is a good place to live, undoing or refuting the official narrative in force in the city. For this context, I use anthropological theory as a support for research, and I already use Yi-Fu-Tuan (1983, p.182) when he says that "specific importance changes over time, while general importance remains." Given this, it is understood that this work is of general importance, as it fits in a context of migration, without intervention and direct incentive from the government; and specific, as the people involved have singularities that built and rebuilt a place, a movement that sometimes explodes official history. Thus, the study embraces both time in the diachronic perspective, as well as synchronic. This is justified because history is not ignored throughout the ages, nor is it ignoring the present perspective of living. Thus, the process of constructing the senses of places and valuing experiences are used to understand the uses and customs of residents, as well as to approach the understanding of the anthropological constitution of their memories and identities.

KEYWORDS: Migration. Ethnographic. Northern neighborhood.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro I – Quadro geral de interlocutores.....	12
Quadro II –Moradores do Bairro Nortista.....	12
Quadro III - Pessoas fora do bairro Nortista.....	12
 Imagem 1: Fotografia feita da rua, sendo possível avistar casas sem muros e a rodoviária na outra rua.....	14
Imagem 2: Rio Água Limpa.....	16
Imagem 3: Mapa do Brasil, com destaque para o estado de Goiás.....	17
Imagem 4: Mapa do estado de Goiás, com destaque para a cidade de Jussara.....	17
Imagem 5: Junção de fotos do automóvel.....	18
Imagem 6: Junção de fotografias da festa de Folia de Reis.....	19
Imagem 7: Jornal com a notícia da nova miss Jussara Marques.....	19
Imagem 8: Senhor Paulo Dias Toledo à esquerda, de terno.....	20
Imagem 9: Bandeira da cidade de Jussara.....	21
Imagem 10: Trabalhadores rurais espalhando o arroz pelas ruas da cidade para secagem do produto.....	22
Imagem 11: Trabalhadores rurais com o arroz já ensacado.....	22
Imagem 12: Casas no mesmo lote no Bairro Nortista.....	24
Imagem 13: Senhor José Maia Lacerda Barbosa com José de Arimathéa (da esquerda para direita).....	24
Imagem 14: Chuva no Bairro Nortista.....	25
Imagem 15: Início da cidade em três fotografias.....	26
Imagem 16: Fotografia do Senhor Candinho e uma de suas netas, Juliana Aguiar.....	27
Imagem 17: Mapa do Bairro Nortista, com divisão de quadras e lotes.....	28
Imagem 18: Córrego Molha Biscoito entre o Bairro Nortista e o Bairro Goiás.....	29
Imagem 19: Córrego Palmeiras que margeia o Bairro Nortista.....	29
Imagem 20: Rio Água Limpa no Bairro Nortista.....	29
Imagem 21: Junções de fotografias entre paisagens de palmeiras e casas.....	30
Imagem 22: Galinha da angola na rua, em movimento, depois vai para o quintal de uma casa.....	31
Imagem 23: Mapa da cidade, com divisões de quadras e lotes.....	32
Imagem 24: Dona Claudimira, moradora do Bairro Nortista.....	32
Imagem 25: Fotografia do tipo panorâmica.....	33
Imagem 26: Veículo denominado “jardineira” que levava as pessoas para Itapirapuã e cidade de Goiás.....	35
Imagem 27: Imagem de Jussara, com destaque para os lugares seminais na formação da cidade.....	36
Imagem 28: Lugares “lado a lado” do Bairro Nortista: bar, igreja e cemitério.....	37
Imagem 29: Em um dia de chuva no Bairro Nortista.....	37
Imagem 30: Senhor José Maia Lacerda Barbosa nas sombras das árvores.....	38
Imagem 31: Casas e a pesquisa/dor em fluxo.....	42
Imagem 32: Casas e a pesquisa/dor em fluxo.....	43
Imagem 33: Casas e a pesquisa/dor em fluxo.....	43
Imagem 34: Madeira/lenha para fazer a torração de mandioca.....	44
Imagem 35: Casa dos pais de José de Arimathéa.....	48
Imagem 36: Senhora Amélia Capela, filha de fazendeiro paulista que chegara na década de 1950.....	50
Imagem 37: Casa do José de Arimathéa.....	52

Imagem 38: Fotografia de outro ângulo da casa do José de Arimathéa.....	53
Imagem 39: Calçada de casas e de bar, lugar de estar entre amigos e família.....	53
Imagem 40: Espada de São Jorge em frente a um salão de beleza no Bairro Nortista.....	54
Imagem 41: Espada de São Jorge no quintal da casa de uma senhora de origem do estado de Minas Gerais.....	54
Imagem 42: Calçadas de casas e bar, lugares de encontros e muitas conversas.....	55
Imagem 43: Mais calçadas, cadeiras, ruas e idosos.....	55
Imagem 44: Quer andar? É na rua... ..	56
Imagem 45: Quer andar? É na rua... (parte 2).....	56
Imagem 46: Entre carros, ciclistas.....	57
Imagem 47: O movimento dos bares do Bairro Nortista.....	57
Imagem 48: Numa quinta-feira, próximo às 14 horas, entre conversas debaixo da árvore.....	58
Imagem 49: Rua do Bairro Nortista.....	58
Imagem 50 Vida sem muros.....	61
Imagem 51: Dominó no Bar do Roberto, vulgo Paraíba em janeiro 2018.....	62
Imagem 52: Dominó no Bar do Roberto, vulgo Paraíba.....	63
Imagem 53: Conversa de bar	63
Imagem 54: Entre tijolos para a constante reforma e construção de puxadinhos.....	64
Imagem 55: Entre estados/entre família(s)/entre tijolos; telhas; bancos e animais.....	65
Imagem 56: Entre a casa e o quintal de uma moradora do Bairro Nortista.....	66
Imagem 57: Entre quintais; ruas; moradores conversando.....	67
Imagem 58: Entre ruas; árvores e casas.....	67
Imagem 59: Entre naturezas: ruas em transformação.....	68
Imagem 60: Entre família.....	71
Imagem 61: <i>Jukebox</i> em Bar do Paraíba num dos muitos bares do Bairro Nortista.....	72
Imagem 62: Mulheres e crianças da Colônia Agrícola de Água Limpa.....	76
Imagem 63: Destruição de Igreja Nossa Senhora das Graças, para construção de uma nova.....	77
Imagem 64: Monumento em praça pública em homenagem ao Senhor Estevão Fernandes Rebouças.....	77
Imagem 65: Praça pública de Jussara.....	78
Imagem 66: Praça pública de Jussara.....	78
Imagem 67: Fotografia em direção do quintal para a rua	78
Imagem 68: Plantas.....	81
Imagem 69: Fragmentos da vida e da morte no Bairro Nortista.....	89
Imagem 70: Casa de uma família nordestina situado no Bairro Nortista.....	91
Imagem 71: Construção sendo realizada no lote onde o cavalo da fotografia anterior estava.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: BAIRRO NORTISTA, MIGRAÇÃO E MEMÓRIA: “aqui é um céu porque tem água”.....	17
1.1 O território e o Bairro Nortista.....	36
1.2 Algumas considerações da caminhada etnográfica.....	40
CAPÍTULO 2: A CULTURA COMO CRIATIVIDADE.....	43
2.1 Casas.....	43
2.2 Quintais e ruas.....	54
2.2.3 Causos das ruas e dos quintais (entre movimentos).....	68
2.3 Entre festas, encontros e confraternização no/do Bairro Nortista da final da década de 1980 a atualidade.....	73
2. 4 A construção dos lugares.....	76
CAPÍTULO 3: MEMÓRIA VIVA: A cultura em reinvenção.....	83
3. 1 O tempo e o Bairro Nortista	85
3. 2 A reinvenção do humano: um ensaio intercultural sobre a movimentação humana e a decolonialidade no Bairro Nortista.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda memória de pessoas migrantes considerados *outsiders* em Jussara, cidade do interior do estado de Goiás. O *lócus* de pesquisa (que alcança também a questão simbólica) são as casas, quintais e ruas do Bairro Nortista, porém, por vezes a ida até outros lugares da cidade, também ocorre devido à própria dinâmica da experiência etnográfica¹. Assim, o que se tem na pesquisa é uma etnografia de bairro, a qual contribui para estudos de bairros, antropologia urbana, estudo de memória, migração, etno-história e estudos interculturais.

O Bairro Nortista é composto por maioria de famílias e/ou descendentes de migrantes do Rio Grande do Norte, mas também compõe este lugar pessoas de demais estados nordestinos, como também de outras regiões brasileira. Nesse viés, a pesquisa explora os sentidos do lugar, onde o migrante com menor poder capital foi estigmatizado, a ponto de não estar inserido como pessoas e lugar *pioneiro* na construção da cidade.

Lima Filho (2001) descreve diversas significações do conceito de *pioneiro*, e estas estão afetivamente ligadas aos processos históricos de construção de lugares. Como aponta Lima Filho (2001) para ser visto enquanto *pioneiro* “É preciso ter acesso aos códigos dos significados que lhe conferem um pertencimento social”. Em relação a experiência de pesquisa sobre migrantes, Túlio Fernando Mendanha de Oliveira (2017, p. 76) demonstra que em Inhumas existe a adjetivação do pioneirismo como também “ligada ao fator tempo de pertença da moradora á cidade e sua participação enquanto mão de obra de grupos vistos como tradicionais na cidade”.

Assim, como Inhumas, em Jussara a nomenclatura de pioneirismo também está presa a uma proximidade afetiva/familiar. No caso de Inhumas, Oliveira (2017) o termo *pioneiro* é passível de duas definições: o *pioneiro* oficial e o *pioneiro* real. O *pioneiro* oficial é aquele que está em praça pública, que é nordestino, no caso Baiano, mas que conseguiu ter um privilégio social de estar e ser reconhecido como *pioneiro*. Já os demais nordestinos, com pouquíssimas posses, este não é reconhecido oficialmente como *pioneiro*, mas que na pesquisa demonstram ser o *pioneiro* real. Aquele trabalhador braçal que não se articulou

1 O método etnográfico foi proposto por Malinowski como observação participante, que prioriza a aproximação por meio de uma imersão na cultura (MALINOWSKI, 1978). Este método foi refinado com as contribuições de Clifford Geertz que entende a experiência etnográfica como um processo interpretativo, sendo necessário que o etnógrafo faça uma “descrição densa” daquilo que observa (GEERTZ, 1989). Numa explicação mais atual, Aline Bonetti e Soraya Fleischer (2007) pragmatiza que a etnografia é um método de pesquisa de aproximação e subjetividade.

politicamente, mas que viveu a construção de um novo lugar, constituindo em si peculiaridades que a oficialidade não alcança.

Percebe-se então situações das quais o estigma para o morador do Bairro Nortista, fica evidente e favorece a invisibilização de pessoas, no que se refere a categoria de *pioneiro* na cidade. Por exemplo, já ouvi no Bairro Nortista as seguintes frases: “o locutor da Rádio da cidade, diz na Rádio quem é e quem não é *pioneiro*, esquecendo a gente como *pioneiro*” (Sr. Antônio, morador do Bairro Nortista, nordestino do Rio Grande do Norte) e “Se você perguntar quem é o Belizário, até esse cachorro (apontando para o cachorro que estava próximo) vai saber quem é... mas fora do bairro (Bairro Nortista), ninguém sabe” (José de Arimathéa, morador do Bairro Nortista, filho de pessoas vinda do Rio Grande do Norte).

Com o tempo, o campo me trouxe demonstrações de realidades que me direcionava às categorias sociológicas de estigma (GOFFMAN, 1963) e de *outsiders* e estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000). Goffman (1963, p. 4) demonstra que estigma social é como marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado. Já a palavra “estabelecidos” que Norbert Elias e John Scotson (2000, p. 7) descrevem grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Ainda sobre o conceito de estabelecidos, o conceito é atrelado à situação de “boa sociedade”. E o contrário acontece com o conceito de *outsiders*, onde os mesmos autores se referem aos “não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela” e que tem característica ruim (ELIAS; SCOTSON, 2000 p. 7).

Nesse âmbito de classificação de identidade social, busquei no Bairro Nortista, pessoas idosas e os filhos delas que contribuíram para a construção do lugar, que viera com o tempo ser denominado Bairro Nortista. Para delimitar a pesquisa, aprofundi nas relações sociais de pessoas e de algumas famílias para melhor compreender a formação do lugar. Refiro a processos antropológicos particulares, que as relações sociais que se formam coletivamente no/o Bairro Nortista.

É importante destacar que, na busca da construção etnográfica, consegui ter acesso com uma moradora de Jussara (não do Bairro Nortista) Sr^o Lourdes Rebouças (Mulher, da 3^o idade ou melhor idade, baiana, de classe média), fotografias de Jussara que vão das décadas de 30 à 80, que demonstra momentos dos migrantes nordestinos, na então aglomeração que se tornou a cidade de Jussara. Somados a isso, temos na construção etnográfica as fotos que eu própria fiz (fotografei). Estas são importantes registros do lugar nos últimos cinco anos, mas também registros do meu olhar como construção de uma profissão na antropologia. Assim, as imagens aqui colocadas não são imagens com o objetivo simples de contemplação, mas sim,

registros que fazem parte da etnografia. Portanto, mais que imagens, eles tem sentidos para os moradores, como também revelam a imersão pessoal da antropologia através desses cinco anos.

Na sequência, temos o quadro que especifica as idades dos interlocutores da pesquisa, origem e lugar de moradia. Ou seja, é um quadro feito através dos dados da etnografia.

Quadro I – Quadro geral de interlocutores

Idade	Número de pessoas
30 – 35	10
36 a 50	25
Mais de 50	15

Quadro II – Moradores do Bairro Nortista

Estado	Número de pessoas
Goiás (de outras cidades de Goiás)	5
Rio Grande do Norte	4
Minas Gerais	5
Jussara/Goiás (mas tem pais nascidos no Rio Grande do Norte)	19
Ceará	2
Pernambuco	1
Mato Grosso	1
São Paulo	1
Indígena nascido em Jussara/Go	1
Bahia	1

Quadro III - Pessoas fora do bairro Nortista

Lugar de Nascimento	Número de pessoas
Goiás; Bahia; Mato Grosso; Minas Gerais; Amazonas; São Paulo.	10

É importante dizer que tive uma experiência etnográfica ainda mais próxima, por meio de interlocutores como José de Arimathéa, nascido no Rio Grande do Norte e Ivanilson, vulgo Baiu, nascido em Goiás, mas que seu pai Belizário (*in memoriam*), era nascido no Rio Grande do Norte. E José Lacerda, nascido no estado do Rio Grande do Norte e também morador do Bairro Nortista.

José de Arimathéa é funcionário público do município e o conheci no ano de 2003, quando iniciamos juntos o curso de Graduação em Licenciatura em História, na Universidade Estadual de Goiás. Quando o conheci, ele me falava de um Bairro Nortista diferente do que até então eu conhecia, que era aquele bairro ligado ao estigma da prostituição, bares, bebidas e brigas.

Já nos últimos anos, já dentro do Bairro Nortista, percebo um outro Bairro Nortista, dinâmico, de pessoas com muitas histórias que vão de Lampião e Maria Bonita, às relações próximas de famílias e vizinhos. Especificamente a relação dos pais de José de Arimathéa com ele, é notável a preocupação com a saúde (vício de cigarro) e alimentação na hora adequada. Percebo também as lembranças das comidas dos vizinhos do Bairro Nortista, dos caldos de bode feitos no passado. Muito no Bairro Nortista se modificou, os *pioneiros* do Bairro Nortista estão quase todos falecidos, o que para José de Arimathéa, faz com que o bairro se torne cada vez mais, um lugar de memória.

Já o Ivanilson, vulgo Baiu, se recorda muito do pai, o Sr. Belizário. Ele tinha um bar durante as décadas de 1960 a 1990 e era muito envolvido com festividades do Bairro Nortista, das quais pessoas de variados lugares vinham festejar no Bar e na frente do Bar, havia os forrós. O conheci em 2015 e nos últimos dois anos ele me auxiliou na compreensão festiva do Bairro Nortista, na relação de vida de seu pai com o lugar e na vida depois que seu pai faleceu, com o Bairro Nortista. Depois da morte do seu pai, Baiu não ajudou a fazer mais nenhuma festa no bairro, demonstrando a saudade do filho que perde o pai.

O Sr. José Lacerda, com quase 90 anos de idade, veio “a pé” do Rio Grande do Norte para Jussara. Ele fala do começo da cidade, das dificuldades em construir as casas pois o que tinha aqui era a natureza. Ressalta a alegria de ter acesso a uma terra com água, chuva constante e alimentos. Com esta família, tive uma peculiar experiência, pois já trabalhei com filhas e netas do Sr. Antônio. Assim, as conheço e eles também me conhecem bastante. Além da experiência do trabalho com sua família, tenho em Sr. Antônio Lacerda uma pessoa de memória viva em relação ao começo da cidade. As histórias de morte e de vida, mas a alegria de estar em lugar que para ele, é muito bom de se viver.

As famílias desses interlocutores são três das muitas que contribuíram para a construção do Bairro Nortista e da cidade, mas que não são consideradas *pioneiras* fora do município. O bairro está situado a aproximadamente 200 metros do atual centro da cidade. A parte central possui uma imagem de lugar de estabelecidos dentro dos processos sociais e

capitalistas bem inseridos, contrastando a imagem de *outsiders* do Bairro Nortista que é lugar de pessoas em posição invisibilizada. Entretanto, mesmo que o reconhecimento de lugares com adjetivos diferentes, é possível dizer que o Centro, os bairros Nortista e Goiás, foram os lugares que a aglomeração sucedeu concomitantemente na formação da cidade.

A pesquisa se especifica na etnografia das casas, quintais e ruas, sendo isso para aproximarmos nas/das relações das famílias e entre famílias. Atualmente, verifica-se no Bairro Nortista, além de casas conurbadas, porcentagem relevante de casas em um mesmo lote (com e sem muros), há também a existência de uma igreja católica; o único cemitério da cidade; um salão funerário e vários bares. Nota-se com a pesquisa, que nos últimos anos, muitas casas foram desfeitas e refeitas outras no lugar, como também, casas foram construídas em lotes que eram ponto de pastagem de animais, sombra fresca.

Imagem 1: Fotografia feita da rua, sendo possível avistar casas sem muros e a rodoviária na outra rua.



Até o final dos anos 70, no lugar que é atualmente a rodoviária, era um campo de futebol e que até por volta dos anos 80, esta era uma rua repleta de casas de prostituição.

Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 31 de janeiro de 2019.

Daí nos indagamos: Como se articula o estigma no Bairro Nortista na formação da identidade social do Bairro? Nos aproximando e buscando compreender a subjetividade com a etnografia, fizemos o seguinte:

- ✓ Levantamentos de dados – Registrando com entrevista com formulários semiestruturados, como também em cadernos de anotações para a anotação diária, os chamados “diários de bordo”;
- ✓ Realizamos a pesquisa participante nas experiências vivenciadas pelos atores, agentes e sujeitos que se relacionam no Bairro Nortista com o registrado em entrevistas e fotografias (memórias). Em relação às fotografias essas serão tiradas por mim e por pessoas não identificadas, essas são fotografias antigas;
- ✓ A partir da construção etnográfica, utilizamos depoentes como centro da rede de vivências cotidianas do Bairro Nortista – a relação do homem com a natureza, os saberes e fazeres populares dentro do processo de construção de lugares (inclusive arquitetonicamente) e as performances culturais que ocorrem no bairro.

O objetivo do trabalho de compreender o estigma do Bairro Nortista na identidade social do mesmo. Pensamos o contexto de eventos ordenando a cultura, ou seja, dentro de um processo onde a cultura é reinventada por meio do tempo, de mudanças de mentalidades que desdobra visivelmente no que se pode ver materialmente naquele lugar.

CAPÍTULO 1

BAIRRO NORTISTA, MIGRAÇÃO E MEMÓRIA: “aqui é um céu porque tem água”

No início do século XX, como política pública de incentivo do Estado Nacional, houve a implantação de Colônias Agrícolas² para aumentar populacionalmente o centro oeste do Brasil e potencializar suas atividades agrárias. O território³ que atualmente é a cidade de Jussara (GO)⁴ não esteve oficialmente dentro desse programa de Colônia Agrícola, mas houve uma apropriação de terras de forma espontânea de migrantes de classe social e econômica baixa, no atual território da referida cidade, que (trans) formou pelos próprios moradores como a sua Colônia Agrícola, denominada por eles de Colônia Agrícola de Água Limpa, devido o rio que passa no território escolhido, chamado por eles Rio Água Limpa.

Imagem 2: Rio Água Limpa.



Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 08 de janeiro de 2019.

O Bairro Nortista, situado em Jussara, cidade do interior do estado de Goiás é um lugar formado por migrantes, sendo inclusive oficialmente reconhecido pelo IBGE que a

2 Estudos realizados através de bibliografia de Andrade (2006); Bertran (1988) e Dutra (2000).

3 Souza (2013, p. 88) diz “que define o território é, em primeiríssimo lugar, o poder. Ou, em outras palavras, o que determina o ‘perfil’ do conceito é a dimensão política das relações sociais, compreendendo essa dimensão no sentido amplo de o político [...], e não no sentido de a política [...]. Isso não quer dizer, de jeito nenhum, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) ou a economia [...] não sejam relevantes ou não estejam contemplados ao se lidar com o conceito de território”.

4 Jussara é um município brasileiro do interior do estado de Goiás, Região Centro-Oeste do país. O município de Jussara está localizado a Noroeste do Estado de Goiás, na microrregião do Rio Vermelho. Fica há 240 km da capital do estado, Goiânia. Jussara foi distrito da cidade de Goiás até 1958. Pelos dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico e pela pesquisa (desde 2006) na cidade, é possível dizer que Jussara é uma cidade formada por migrantes.

cidade é formada por migrantes. Entretanto, existe a narrativa de pioneirismo que vincula pessoas de origem do estado da Bahia, como pessoas que fundaram a cidade. Nisso, há um descontentamento de muitas pessoas do Bairro Nortista que contesta essa versão, trazendo outras narrativas. Assim, internamente na cidade, existem narrativas que contestam a oficialidade, trazendo à tona aspectos culturais do Bairro Nortista, como também na relação com os demais da cidade.

Imagem 3: Mapa do Brasil, com destaque para o estado de Goiás.



Fonte: <http://mochileiro.tur.br/go-mapa-goias-brasil.jpg> acessado em 13 de julho 2018.

Imagem 4: Mapa do estado de Goiás, com destaque para a cidade de Jussara.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d4/Goias_Municip_Jussara.svg/300px-Goias_Municip_Jussara.svg.png Acessado em 13 de julho de 2018.

A intensificação de pessoas no território que hoje é Jussara ocorreu na década de 1940, às margens do Rio Água Limpa. Este povoado recebeu como primeiro nome a denominação de “Colônia Água Limpa”, em virtude das límpidas águas do rio, nome dado pelos migrantes. Essas pessoas que viviam no território que atualmente é Jussara, estabeleceram-se e aos poucos foram se reorganizando socialmente através das famílias que aqui chegavam e na pesquisa demonstra que ainda existe este fluxo de pessoas, que por vezes vai e volta para o nordeste, seja para visita de parentes que lá ficaram, para conhecer o lugar e alguns poucos e raros casos, para morar no nordeste. No geral, existe a vontade e o gosto de continuar no estado de Goiás.

O culto religioso do catolicismo popular era e é a performance religiosa que vigorava e vigora. Diante da fé, tinham muitas festas sagradas, como também havia muitas festas consideradas profanas, especificamente no Bairro Nortista, lugar que pela memória dos que vivem no bairro (como também homens que moram fora do Bairro Nortista) dizem que “foi um lugar de festas, prostituição e família”. (Transcrição da fala de José de Arimathéa entre outros interlocutores)

Imagem 5: Junção de fotos do automóvel.



Automóvel que transportava pessoas de Jussara para Itapirapuã e cidade de Goiás, por volta das décadas de 60 a 70. Na sequência, está o primeiro automóvel de um morador de Jussara, anterior às décadas destacadas. Acervo Lurdes Rebouças/público: Fotógrafo: Desconhecido.

Segundo José de Arimathea: “O Bairro Nortista era o lugar de festa da família (religiosa) e festa de homens no cabaré”. O Bairro Nortista mantém tradição em relação a festa do divino, a chamada Folia de Reis que ocorre entre o final do ano e início do seguinte. Segue abaixo uma junção de fotografias demonstrando um pouco deste momento:

Imagem 6: Junção de fotografias da festa de Folia de Reis



Autoria da fotografia: Hilda Freitas Silva, em 08 de janeiro de 2019.

Nas décadas 30, 40 e início da década de 50, o território da atual da cidade de Jussara era denominado Colônia Agrícola do Água Limpa e em 1958 foi alterada, passando a chamar-se Jussara. Homenagem a Jussara Marques Amorim, primeira goiana eleita miss Brasil no ano de 1949.

Imagem 7: Jornal com a notícia da nova miss Jussara Marques



Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-08oJL-BKkDY/UusBNTTLdII/AAAAAAAAATDc/vHBiZ_kSt70/s1600/Miss+Brasil+1949a.jpg acessado em 01 de fevereiro de 2019.

Além do fato da homenagem à miss, com a utilização de seu nome para a cidade, vê-se que de acordo com lenda tupi, Jussara era uma jovem guerreira muito corajosa, filha de Jurema, uma das figuras mitológicas mais famosas dos indígenas brasileiros e neta do grande Tupinambá. No entanto, a referência oficial do nome Jussara, foi feita devido à escolha política, como forma de homenagear a miss goiana, embora nota-se o entrelaçamento étnico em seu nome. Em certa entrevista, com uma filha de um fazendeiro da atual cidade de Jussara, Pedro Ludovico⁵, disse que municipalizar a Colônia Agrícola do Água Limpa, então distrito da cidade de Goiás, “seria uma briga grande”. Mas isso foi realizado em 1958.

Ainda sobre o momento anterior a emancipação da cidade, em 1958, a Câmara Municipal de Goiás deu-lhe autonomia distrital através da lei municipal número 138, de 12 de novembro de 1953. Cinco anos depois, criou-se a lei estadual número 2.116 de 14 de novembro de 1958, que a elevou à categoria de município, com terras do distrito do mesmo nome, dos povoados de Santa Fé de Goiás, Britânia (ambos já emancipados), São Sebastião do Rio Claro e Juscelândia. Devido 1º Projeto – Lei aprovado pela Câmara Municipal o nome de Jussara, sofreu alteração na sua grafia de cê cedilha (ç) para dois esses (ss).

O primeiro Prefeito de Jussara foi nomeado pelo governador, ou seja, não houve eleição. Esse prefeito foi o Senhor Eliziário de Souza, que governou o município por apenas cinco meses. Este era um fazendeiro da região. Também foi nomeado prefeito do município de Jussara o Senhor José Guimarães de Aguiar, que governou de 1959 a 1961. Em 3 de outubro de 1960, foi realizada a primeira eleição municipal, sendo eleito o 1º prefeito constitucional o Senhor Paulo Dias Toledo.

Imagem 8: Senhor Paulo Dias Toledo à esquerda, de terno.



5 Um dos líderes da Revolução de 1930, em Goiás, interventor federal no estado (1930-1933) e governador de 1935 a 1937, foi responsável direto pela mudança da capital de Goiás para Goiânia.

Ele foi padrinho do casamento. Até o ano de 2014, há notícias que ele estava vivo, morando em Uberlândia (MG). Fotografia de data aproximada a década de 50 ou 70. Acervo Lurdes Rebouças: Fotógrafo: Desconhecido.

Imagem 9. Bandeira da cidade de Jussara



A bandeira de Jussara demonstra simbolicamente o passado predominantemente rural, sendo representado por um bovino e ramos de plantação de arroz. Os migrantes que se aglomeraram onde atualmente o Bairro Nortista é composto por pessoas em sua grande maioria pobres e fugindo da seca no sertão. Estes buscavam uma vida melhor, ou seja, queria um lugar que tivesse condições favoráveis de moradia, que estava ligada à agricultura e, portanto, a água e terra eram fundamentais.

Havia também muitos fazendeiros em volta da vila, depois cidade, e ali estes homens do Bairro Nortista buscavam trabalhos braçais. Assim, os fazendeiros, investiam seu dinheiro (ou parte) na região e os pobres buscavam sua sobrevivência por meio do trabalho rural. E nos finais de semana, e às vezes até durante a semana, o Bairro Nortista era o lugar de concentração de diversão. Mas o público alvo destes bares e casas de prostituição era os homens. É pertinente salientar que uma provável explicação do Bairro Nortista não fazer parte de lugar *pioneiro* oficial é devido a este caráter boêmio e possível para as experiências sexuais sem compromisso, que o Bairro Nortista tinha/tem.

Na relação com essa classe de fazendeiros e abastados no distrito, depois virando cidade, teve como foco o espaço que os migrantes – especialmente nordestinos – se aglomeraram. Diante disso, havia as fazendas e o trabalho na roça, como também havia a

concentração dos migrantes em um lugar, que com a emancipação da cidade se consolidou como Bairro Nortista. Abaixo segue foto de aproximadamente das décadas de 1940 a 1950, da qual demonstra fragmento dessa situação rural que aquelas pessoas viviam.

Imagem 10. Trabalhadores rurais espalhando o arroz pelas ruas da cidade para secagem do produto.



Fotografia de data aproximada a década de 60 ou 80.
Acervo Lurdes Rebouças/público: Fotógrafo: Desconhecido.

Imagem 11. Trabalhadores rurais com o arroz já ensacado.



Fotografia de data aproximada a década de 60 ou 80.
Acervo Lurdes Rebouças/público: Fotógrafo: Desconhecido.

“Os homens trabalhavam durante a semana na roça e no final vinha para a cidade gastar seu dinheiro, festejar e ir no cabaré que era a diversão dos homens. As prostitutas eram em sua maioria do Mato Grosso, não tinha prostitutas nortistas. E as mulheres ficavam em casa ou apenas iam em festa religiosa.” (José de Arimathéa)

Outro relato que destacamos é: “Não vejo as mulheres que prostituíam com olhos ruins, elas faziam isso para comprar comida para os filhos delas.” (Ivanilson, vulgo Bail, em início do ano de 2019).

A questão moral é visível no Bairro Nortista e na fala descrita de José de Arimathéa, pois “as suas mulheres” não poderiam e não eram aceitas se fossem prostitutas. Já o segundo interlocutor ameniza a situação, demonstrando que a vulnerabilidade social e necessidade de alimentar os filhos, faziam com que na prática, questões morais fossem deslocadas.

Independente disso, homens que negam ou não a prostituição de mulheres de suas famílias, estes homens, por vezes eram os que frequentemente estavam nos bordéis do Bairro Nortista. Assim, estes bordéis “serviam” para os próprios homens do bairro e os que vinham de fora, que já tinham a fama de ser um lugar de meretrício. E um interlocutor ainda diz: “O cabaré era muito importante socialmente, pois ali os homens extravasavam sua tensão”.

José de Arimathéa, um homem de 54 anos de idade, se autodeclara preto e é nortista diz que as primeiras casas de Jussara eram feitas de taipa, adobe, pau a pique e somente depois de um tempo que foi construída as primeiras casas de alvenaria. Era uma vida simples, mas em Jussara, ou ainda Colônia Agrícola de Água Limpa até 1958, havia facilidade de ter loteamentos de terra para construir suas casas.

O Senhor Antônio, também morador do Bairro Nortista e nortista destaca que quando chegou aqui em 1952, conseguir um pedaço de terra era fácil. Ele diz que: “As pessoas iam chegando e pegando a terra que queriam. Eu mesmo rocei esses terrenos (apontando para o local) e depois chegava outras pessoas necessitando de um terreno e até dei terreno já descampado para os recém-chegados.”

Nota-se que o dar, o receber e o retribuir – dádiva que o Marcel Mauss teoriza –, foi e é um aspecto de construção do Bairro Nortista. Nas palavras do Senhor Antônio, o desapego e a facilidade de obter um lote de terra no território que atualmente é Jussara. Portanto, pensar o início, antes de se tornar Jussara, é pensar em memórias que se refere à Colônia Água Limpa, onde o que vigorava era aglomeração não planejada oriunda de fluxo migratório, principalmente dos estados nordestinos. Esta facilidade de ter um “pedaço de terra” para o migrante, provavelmente favoreceu na construção de laços afetivos no bairro, influenciando na decisão de ter tantas casas no mesmo lote, como a foto da sequência:

Imagem 12. Casas no mesmo lote no Bairro Nortista



Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em 08 de dezembro/2018.

O senhor José Maia Lacerda afirma que veio caminhando – sim, a pé – com a família do seu estado, que é Rio Grande do Norte, até a localidade que hoje é a cidade de Jussara. Abaixo um objeto que ele trouxe do Rio Grande do Norte ao atual município:

Imagem 13. Senhor José Maia Lacerda Barbosa com José de Arimathéa (da esquerda para direita).



Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em agosto/2014.

Na árvore canafiche (planta que Sr. José Maia Lacerda relata trazer a semente do Rio Grande do Norte), está colocado uma coisa muito importante para ele. Colocou um “carrinho de mão” que em suas palavras “trouxe de a pé do Rio Grande do Norte para o Bairro

Nortista”. Este “chegar” até o território que atualmente está o Bairro Nortista, não foi programado pelo José Maia Lacerda, ele diz que veio em busca de um lugar para se viver e passando pelas terras, percebeu a natureza e fartura de água, que seria um bom lugar. Este tipo de narrativa, onde o não planejamento e a fuga da pobreza, por vezes da seca, é constante no Bairro Nortista. Já ouvi a máxima: “aqui é um céu por causa da água”.

Imagem 14. Chuva no Bairro Nortista



Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em 24 de novembro de 2018.

Nessa relação espacial e ambiental, o Senhor Antônio também conta que, quem “abriu” com machados a Avenida Dalvo Garcia, uma das principais avenidas da cidade atualmente, que anteriormente denominava-se Avenida B, foi o seu pai, Joaquim Viana, Pedro (irmão do senhor Antônio), um açougueiro chamado Eliezer, e, Joaquim. Ele também destaca que a Praça Matriz foi desmatada também através da força bruta desses homens. Ele pontua ainda, que, o feito de desbravar o bairro nortista, também foi feita por eles e outros nordestinos de profissão simples. E o senhor Antônio diz “que isso não é reconhecido na história oficial da cidade”.

Destaca-se que o entrevistado é um senhor simples e aposentado, ou seja, de posses suficientes para seu sustento. Esta característica é abordada, para demonstrar que ele não possui estrutura de poder financeira, para manipular e usar a seu favor. Evidencia-se que o Senhor Antônio deixa evidente na conversa, a insatisfação dele próprio, de não estarem em nenhum registro e/ou não ser lembrado, como *pioneiros* na cidade. O estigma de lugar

perigoso se demonstra também atrelado ao caráter financeiro, qual os moradores que fundaram o bairro, são pessoas que trabalham/trabalhavam na roça, como agricultor.

Imagem 15: Início da cidade em três fotografias



Primeira fotografia - no centro da cidade, numa cerimônia religiosa (década aproximada de 1950); Segunda imagem - sendo ruas e quintais, com foco no “chão batido” e casa de pau a pique ou tábuas; Terceira fotografia - terreno entre o Bairro Nortista e Centro.

Fotografia de data aproximada a década de 40 ou 50.

Acervo Lurdes Rebouças/público: Fotógrafo: Desconhecido.

Portanto, as ruas, casas e quintais foram abertos e construídos e a partir desse processo se construiu a cidade de Jussara. Geralmente eram famílias, que vinham andando “a pé”, ou do chamado pau de arara, do Nordeste para o Centro-Oeste do país. A pesquisa *in locu* também demonstra que há descendentes indígenas. Abaixo fotografia de um morador que nos atenta para essa realidade:

Imagem 16. Fotografia do Senhor Candinho e uma de suas netas, Juliana Aguiar.



Ele é indígena e mora no município de Jussara.
Acervo particular. Meados de 2014.

Em conversa com o senhor Candinho, diz ter nascido na localidade que atualmente é Jussara e aqui vive até a data presente, apontando também o desejo de continuar vivendo na cidade. Ele é indígena, mas não se lembra ou não quer falar sobre a sua etnia. Ele ficou doente, está com problemas de audição e depois disso deixou de morar no Bairro Nortista e passou a morar com uma filha, num sítio que fica a cinco quilômetros do bairro supracitado. Ele também lembra das festas do Bairro Nortista, fala das brigas e das danças.

No ano de 2016, na tentativa de me aproximar mais com as pessoas que tem em sua história, questões de pioneirismo na cidade, fiz um artigo científico com Amanda Gonçalves da Luz, neta do Sr. Limírio das Neves, que é do estado de Minas Gerais. Este trabalho foi apresentado na V Semana de Integração da Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas, de 08 a 11 de junho 2016. Para a construção do trabalho apresentado, foi entrevistado José Natal, primogênito do sr. Limírio. José Natal disse que não gostava de política, “falava que a política fazia desavenças, intrigas e por isso, não envolvia com questões políticas e não havia o interesse do posto de *pioneiro*”. E José Natal também diz, da importância do Bairro Nortista como centro de aglomeração de pessoas, ou seja, era um lugar animado de festas religiosas ou não religiosas. Na ocasião ele destacou que o lugar de encontro das pessoas para se divertirem ou comprar alguma coisa, era no Bairro Nortista. Se não tivesse ali, somente em Itapirapuã ou na cidade de Goiás.

Imagem 17. Mapa do Bairro Nortista, com divisão de quadras e lotes



Fonte: Autocad/ Acervo do Arquiteto Filipe Magalhães (2017)

No sentido físico, o Bairro Nortista possui 20 quadras. Do lado deste, está o Bairro Goiás e no outro o centro da cidade. É importante salientar que o local também faz limites geográficos com os córregos Molha Biscoito e Palmeiras e também fica próximo do Rio Água Limpa. Assim, nota-se que o Bairro Nortista possui uma rede hidrográfica que atravessa o bairro, composto por um rio e dois córregos.

Imagem 18. Córrego Molha Biscoito entre o Bairro Nortista e o Bairro Goiás



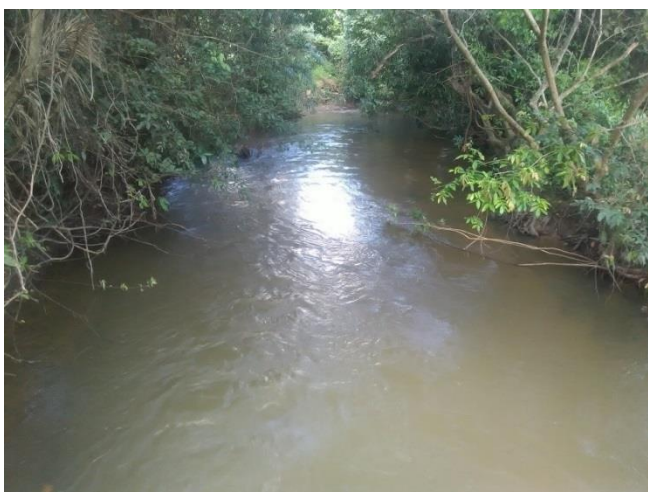
Autoria da fotografia: Hilda Freitas Silva, em 08 de janeiro de 2019.

Imagem 19. Córrego Palmeiras que margeia o Bairro Nortista



Autoria da fotografia: Hilda Freitas Silva, em 08 de janeiro de 2019.

Imagem 20. Rio Água Limpa no Bairro Nortista



Autoria da fotografia: Hilda Freitas Silva, em 08 de janeiro de 2019.

Muitas casas no Bairro Nortista (e também o Bairro Goiás) tem ao fundo do terreno da casa o Rio Água Limpa, o Córrego Água Limpa ou o Córrego Molha Biscoito. Além de muitas palmeiras e demais plantas em volta. Novamente a água fica em destaque, seja na fala dos interlocutores e/ou visivelmente.

Imagem 21. Junções de fotografias entre paisagens de palmeiras e casas



Autoria da fotografia: Hilda Freitas Silva, em 08 de janeiro de 2019.

Nota-se no Bairro Nortista uma quantidade notável de palmeiras. Há o saber por parte dos moradores mais velhos, que onde existem muitas palmeiras é sinal que há muita água. Ou seja, no conhecimento popular, aquela planta só nasce quando tem muita água no local e as narrativas dos migrantes nordestinos é que a escolha de ficar nesse território foi devido à existência da água, vista seus indícios desde o momento quando viram as palmeiras. Assim, para os migrantes mais velhos, a questão natural, foi decisivo para que estabelecessem no local.

Em relação às ruas, a Avenida B é reconhecida pelos moradores como sendo a principal avenida/rua do bairro. Isso é dito, pois, ademais de fazer a ligação do Bairro Nortista com o centro da cidade e parte da zona rural, essa é a rua que mais tem bares, quiçá até da

cidade. As avenidas C e A também são muito importantes, não no sentido público e de acesso a outros lugares (o que também acontece), mas essa rua tem uma importância porque fica visível nas casas, em sua maioria se mantêm com uma arquitetura vernacular, como também seus moradores terem hábitos rurais de forma, como criação de galinhas e porcos, inclusive estes animais, por vezes, ficando nas ruas soltos. Muitos lotes, inclusive, têm uma aparência de vida no campo, com muitas árvores, animais domésticos e chão batido (sem asfalto ou calçamento).

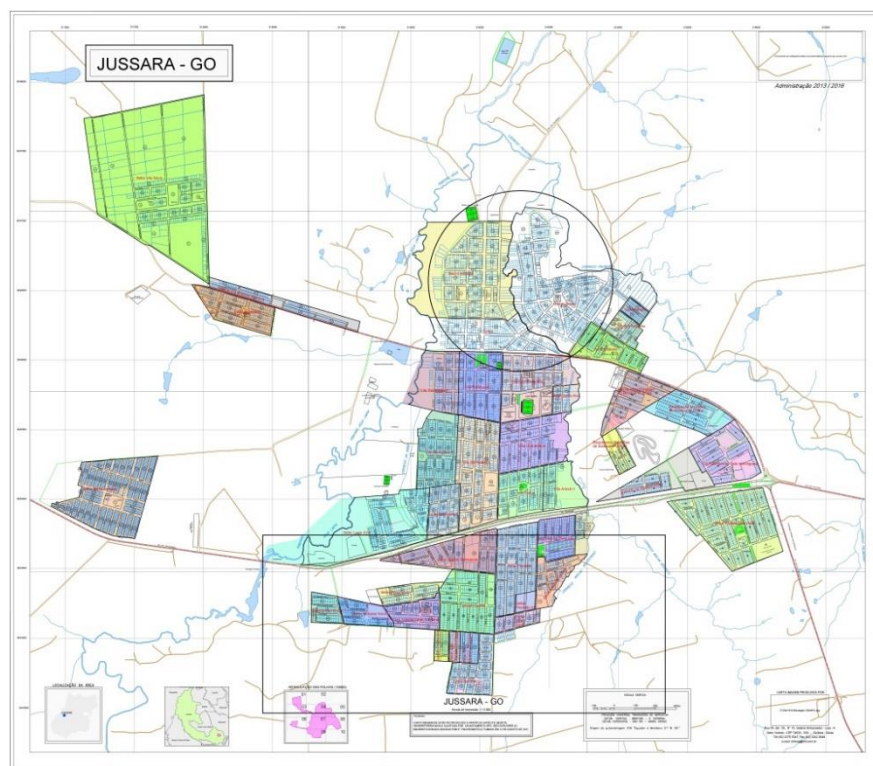
Imagem 22. Galinha da angola na rua, em movimento, depois vai para o quintal de uma casa



Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 08 de julho de 2018.

Em relação ao centro, este é um lugar onde o comércio está mais intenso e que situa os bancos financeiros. Lá também tem o monumento em homenagem ao *pioneiro* oficial que é baiano, que será tratado decorrer da dissertação. O que preciso colocar em foco nessa discussão é que o baiano, em casos raros (por exemplo, quando uma pessoa nortista casa com um baiano), é considerado nortista, pois para os moradores do Bairro Nortista, baiano faz parte de uma outra categoria de pessoas que não é nordestino, muito menos nortista. Ou seja, para eles, baiano não faz originalmente, parte do Bairro Nortista, já que nortista mesmo é do Rio Grande do Norte, ou demais pessoas de estados próximos, que não é a Bahia.

Imagem 23. Mapa da cidade, com divisões de quadras e lotes



Fonte: Autocad/ Acervo do Arquiteto Filipe Magalhães (2017)

A parte circulada e do retângulo do mapa foi uma intervenção feita pela pesquisadora. No caso do círculo, demonstra o território onde os primeiros lugares que migrantes concentraram. Mas com o passar dos anos, o que ocorreu é no Bairro Nortista havia uma concentração maior de migrantes nordestinos, em casos raros e/ou subsumido, com baianos moradores neste bairro. Já na parte do retângulo é o lugar onde a família do Limírio das Neves, do estado de Minas Gerais, se estabeleceu.

Imagem 24. Dona Claudimira, moradora do Bairro Nortista



Ela diz que “não tem nenhum nordestino na família, só baiano. E que baiano é do Goiás, e nordestino é do Norte”. Ela diz que não tem problema com nordestino.

Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 08 de julho de 2018.

Numa experiência etnográfica de andar pelo bairro e “deixar o acaso” me levar, fez que encontrasse dona Claudimira indo para o salão de velório, no qual ela queria saber se o corpo que ia ser velado no local já havia chegado. Ela disse que não sabe quem é a família da pessoa falecida, mas que precisava saber e queria comparecer ao velório. Dona Claudimira reclamou de dores e eu a ouvi. Reclamou de serviços públicos da saúde. Senti que ela reclamava, acreditando que eu poderia auxiliar com alguma coisa. Ademais, a fala dela soava como denúncia e meus ouvidos como meio de que isso talvez poderia trazer melhorias.

Imagem 25. Fotografia do tipo panorâmica



Destaca-se ao fundo a rua do antigo meretrício, como também a rua do cemitério local.

Fonte: Acervo particular de Hilda Freitas Silva. Data: agosto/2014.

Noto a narrativa do tipo denúncia, principalmente nas mulheres idosas. Essa tem uma preocupação em relatar as dificuldades sociais vividas. Já os homens gostam de relatar coisas do lazer, prazer e trabalho, numa perspectiva histórica, e refutando o mito de *pioneiro*. Ainda com a dona Claudimira, ela me diz: “Na minha família não tem nenhum nordestino, só baiano. E que baiano é do Goiás, e nordestino é do Norte.” Dona Claudimira ainda diz: “Eu não tenho problema com nordestino.” Sobre o casamento, a senhora sugere: “Não case, é melhor ficar solteira. Minha filha mais nova é solteira e nem pensa em casar.”

Dona Claudimira é viúva. Notei que ela demonstra uma diferença entre o morador que é da Bahia e dos outros estados do nordeste. Mas ficou entendido com a forma que ela respondeu que existe uma luta simbólica de identidade e de lugares entre baianos e demais nordestinos. E que na fala da dona Claudimira, baiano não é nordestino, mas sim nas palavras dela, “baiano é do Goiás”. Diante disso, fica perceptível que existe a classificação das pessoas por estado, diferente da que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) postula. Sendo que o IBGE demonstra uma classificação que o estado da Bahia está no Nordeste, mas no Bairro Nortista, nordestinos são os nortistas, exceto da Bahia. Assim, estas reflexões nos direcionam a pensar a categoria nortista sendo uma categoria local.

Em relação à fala de dona Claudimira de que ela não tem problemas com nordestino, lembro que uma história contada por um homem nortista, morador do bairro, levou uma

mulher para o motel. Depois do prazer do sexo, quase na hora de ir embora a mulher falou para o homem “e se eu jogar esse cinzeiro em você?” O nordestino disse: “Eu avanço no seu pescoço”. Ele disse que falou sério. A mulher voltou atrás e não fez nada mais. Depois a mulher disse, “Você ia avançar em mim, hein...” O homem disse que não, que estava brincando. E a mulher disse: “Ia avançar sim, você ia me matar”. Depois disso, a mulher começou a chamar o homem de “nortistinha brabo”. E o homem relatou que:

“Existe uma conduta de ser justo do nordestino, da qual se tiver de ser violento é apenas para se defender, mas se for para se defender, tem que matar, pois depois pode ter uma tocaia da pessoa... A defesa tem que ser certa e não apenas um tapa ou algo do tipo.” (Interlocutor A)

Esse nortista disse que essa mulher depois casou, teve filhos, mas onde o vê, o cumprimenta dizendo: “Olá, nortistinha brabo”. E diante disso a memória sobre pessoas nortistas sendo violentas vai sendo repassada, ou seja, é o estigma sendo reforçado. Lembro dessa história, pois há constantemente histórias de que nordestinos são “brabos”, porém retira-se na história os baianos dessa classificação. Portanto, essa história contada é apenas uma das que tanto são repassadas no e sobre pessoas daquele lugar.

Seguindo com a experiência etnográfica, num sábado de manhã, encontrei em uma casa de um nordestino, morador do Bairro Nortista, o dono e a dona da casa, alguns filhos, alguns netos e vizinhos. Conversa vai e conversa vem, uma filha diz que está organizando uma viagem para o nordeste. Mas os adolescentes diziam que queriam ficar no litoral, enquanto os mais velhos diziam querer ficar no sertão, dentro do Nordeste. Por conseguinte, constata-se que os jovens têm na imagem do Nordeste do divertimento da praia; e, os mais velhos já têm uma intenção de ir em outros lugares, relacionados a sua própria experiência passada. Isso é descrito, pois o José de Arimathéa sempre me diz que as pessoas que sabem desta região, estão quase todas mortas ou com saúde muito debilitada no Bairro Nortista.

Outro assunto que geralmente está em pauta entre os nortistas, são as histórias de Lampião. Essas são continuamente contadas, demonstrando características lendárias do personagem como a coragem, o senso de justiça do sertão e a valentia. Nesse ressignificar de memórias, relatamos em síntese um encontro com dois nortistas e um caso sobre Lampião. No dia primeiro de agosto de 2017, ao andar pela cidade, encontro dois moradores do bairro em questão e mais uma história do Lampião e seus feitos como assunto.

Nessa oportunidade, José de Arimathéa (um dos nortistas) conta a valentia de Lampião em fazer justiça para uma moça pobre e sua família, pois essa havia sido “mexida” por um dono de uma “propriedade”. Ou seja, Lampião fez casar um rapaz que era fazendeiro,

que havia sido o primeiro homem de uma jovem. Na “toada” do relato, há no contar a radicalidade da honra (radicalidade ao olhar do pesquisador) e a moral que existe para as pessoas do sertão: “Ou casa ou morre.”

Destaco que inicialmente, eu tinha dificuldade de entender algumas palavras que o José de Arimathea dizia. Em várias ocasiões, eu ia para o campo, sozinha e notava que a dificuldade em comunicar era imensa, visto que não tinha um contato maior com os moradores do Bairro Nortista e isso dificultava a relação e o resultado na pesquisa. Com isso, em meados de 2016 para 2017, pedi para José de Arimathéa ir comigo em alguns lugares do Bairro Nortista e foi assim que a pesquisa se tornou menos complexa, pois neste momento, pude ver a interação entre eles e aos poucos eu interagindo melhor com eles.

1.1 O território e o Bairro Nortista

O Bairro Nortista é formado por um imaginário nordestino, de luta, de resistência para a vida, de vida rural e de estigma porquanto, se constitui por meio de lembranças do passado e de histórias reinventadas deste passado. Dessa forma, o que fica visível no Bairro Nortista é uma materialidade que vaza em sentidos e relações, mas estando de perto e de dentro do Bairro Nortista, o que fica proeminente é a ruralidade do lugar e as relações próximas entre as pessoas.

Imagem 26. Veículo denominado “jardineira” que levava as pessoas para Itapirapuã e cidade de Goiás

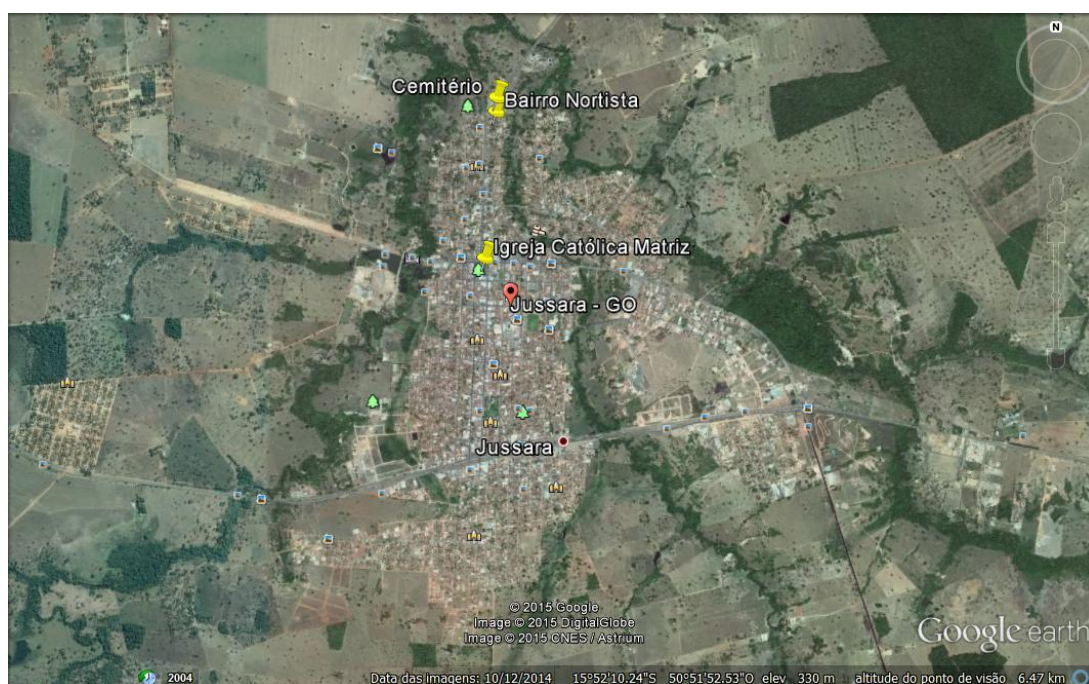


Data aproximada: final da década de 1950 a de 1960.
Acervo Lurdes Rebouças/público: Fotógrafo: Desconhecido.

A “jardineira” era o transporte utilizado a partir do final da década de 1950. José de Arimathea diz que antes deste carro, quando precisava de comprar algo que não tinha na

colônia, era necessário ir a pé, de burro ou a cavalo para Itapirapuã ou Goiás. A “jardineira” trouxe um certo conforto em relação ao transporte, assim, a “jardineira” simbolizava um marco na “evolução” para o lugar. José de Arimathéa afirma que eles andavam distâncias longas e que não reclamavam, mas atualmente existe esta reclamação e que a pessoa não vai “a pé”. Noto que a sua fala, muitas vezes, é narrada como se ele mesmo tivesse experienciado o que diz, mas são narrativas ditas pelo seu pai, entre outros familiares idosos.

Imagem 27. Imagem de Jussara, com destaque para os lugares seminais na formação da cidade



Fonte: *Google Earth* em 25 de dezembro 2015.

Vendo as fotografias “antigas” que também faz parte da etnografia, as primeiras casas construídas são do tipo vernacular e eram feitas através de voluntariado coletivo, denominado *mutirão*⁶. A partir dos anos de 1990, os moradores do bairro passaram a convidar publicamente toda a cidade para suas festas, tipicamente nordestinas, que acontecem nas ruas. Mas antes dessa data, ou seja, sem essa “propaganda”, o Bairro Nortista, já era o lugar de encontro festivo entre o sagrado e profano, que por vezes se são percebíveis materialmente, como mostra a figura a seguir:

6 Yi-Fu-Tuan (1983, p. 119) pontua que “o meio ambiente construído, [...] tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes”.

Imagem 28. Lugares “lado a lado” do Bairro Nortista: Bar, Igreja e Cemitério



Fotografia de 10 de fevereiro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 29: Em um dia de chuva no Bairro Nortista



Bar, igreja e do lado está o cemitério.

Fotografia de 24 de novembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Em conversa com o morador de Jussara, Luiz Matias da Silva, morador do Setor Marajoara, diz que recentemente (ano de 2018) no bar acima demonstrado, estava tendo uma festa, com música sertaneja ao vivo (voz, violão e tecladista). Aconteceu que chegou do lado do bar, na igreja católica, um corpo a ser velado e ter os últimos momentos de despedida com a família, amigos e comunidade. Entretanto, a música no bar continuou e isto fez com que os familiares ligassem para a polícia, pedindo que desligasse o som, enquanto o ritual de despedida ocorria. Foi o que aconteceu, a polícia apareceu, pediu para desligar, e depois deste momento de despedida o som continuou no bar.

Passadas algumas semanas, o dono resolveu fechar o bar e ir para outro local. Particularmente há uma tendência a pensar que o Bairro Nortista se modifica por meio de

pressões que ocorrem da vida (e da morte). O dono o seu comércio em outro local, no entanto, devido a questões de clientela do lugar que estava baixa, o comerciante decidiu voltar para o Bairro Nortista meses depois. Ou seja, acompanhando a história, o estabelecimento não gerou o movimento financeiro esperado e acabou que o dono voltou para o mesmo lugar.

As fotografias em destaque são importantes pois retratam momentos variados, e este âmbito de sentidos faz nos pensar com Sebastião Salgado (2014), quando ele diz que em suas experiências em fotografar, na região nordestina, morte e vida estão muito próximos. Essa fala aciona o pensamento dos arranjos materiais do Bairro Nortista. Vê-se na fotografia de arquivo pessoal, o “Nortista Bar”, lugar de divertimento; a igreja católica, utilizada principalmente em celebrações póstumas; e o cemitério da cidade que fica no setor.

Em relação aos bares, há um grande número de idosos ou de pessoas próximo a faixa etária reconhecida como idosos, frequentadores desses estabelecimentos. Há um número considerável de jovens frequentadores, entretanto, percebe-se que os jovens da cidade se concentram em bares do centro da cidade. Com isso, atenta-se que os bares do Bairro Nortista são frequentados por pessoas do próprio bairro e pessoas de outros setores, mas que possuem um entrelaçamento de memória àquele lugar há muito tempo e por isso, geralmente são pessoas idosas ou próximo a esta faixa etária. Veja um dos interlocutores que ilustram nosso trabalho:

Imagem 30: Senhor José Maia Lacerda Barbosa nas sombras das árvores



A árvore da esquerda, próximo ao Sr. José Maia é denominada no Norte de canafiche. Esta árvore não produz frutos. Já na direita, a árvore é frutífera e denominada de cajarana.

Fotografia de 10 de fevereiro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Pensamos todo o contexto material, como marcações que apontam para a subjetividade do indivíduo. Na fotografia está o Sr. José Maia Lacerda. Este senhor já foi entrevistado outras vezes, e sempre ele demonstra a satisfação de viver onde vive, no Bairro

Nortista, e fazer parte da história da cidade. Em relação a construções do espaço, ele que é potiguar, demonstra de forma coloquial e rica em saberes populares, a lembrança do “norte”, através das árvores canafiche e cajarana. São trazidas a semente do Rio Grande do Norte e aqui plantadas. Outra forma de construção é a própria casa devido ser um lugar de memória e de construções físicas e emotivas. Mas na conversa informal de 10 de fevereiro de 2017, percebeu-se que o Sr. José Maia Lacerda, deixou a neta fazer uma reforma na casa para morar.

As relações sociais entre as pessoas ocorrem através de suas performances, pois estas apontam para a imaterialidade e materialidade do ser humano. Por exemplo, quando nos Jogos Olímpicos, na cidade de Olímpia homenageavam Zeus, demonstrava a importância a sua crença na divindade suprema na mitologia helênica. Além disso, a performance atentava-se para dita celebração da superioridade do povo grego; um momento de confraternização entre cidades-Estado; valorização da força física ou destreza dos atletas e ainda apresentava uma vertente cultural, representada pelas competições poéticas, como também através do seu teatro.

O Bairro Nortista se torna peculiar, pois conforme Tuan (p. 56): “Somos amigos chegados”, quer dizer que temos intimidade, nos vemos muitas vezes e vivemos no mesmo bairro. Ser chegado combina os dois significados de intimidade e proximidade geográfica.

Certa vez, indo para uma fazenda próxima ao Bairro Nortista com um prestigiado empresário de Jussara e sua família, o empresário disse sorrindo e com certa nostalgia: “Quando eu era rapaz, aqui tinha muitos cabarés”. O então “homem de família” é goiano e não escondeu que ali viveu momentos bons na juventude. Ele atualmente é uma pessoa de forte influência na cidade e geralmente demonstrava que estar em Jussara, é estar num centro onde pode fazer parte de forças de comando político na mesma e o Bairro Nortista era para ele, um lugar de diversão (prostituição, festas e bebidas), sendo que atualmente é um lugar de memória de pessoas do bairro ou de fora.

1.2 Algumas considerações da caminhada etnográfica

Diante do exposto as memórias demonstram identidade, como também escritas que transitam de memória a história, em contato com a formação do povo jussarense. Assim, através da etnografia, sistematizamos a pesquisa para que o leitor perceba a cidade de forma densa, acurada e sensível. Fica em destaque na pesquisa a experiência de populações, que de forma desbravadoras de si mesmos e de territórios longínquos, construíram e reconstroem um lugar. Seja vindo numa caminhada “a pé”, ou com um maior recurso da época “o carro de

boi”, ou na então sofisticada jardineira ou caminhonete. As pessoas vieram e materializaram alguns devaneios e sonhos.

Souza (2013, p. 106) diz que *territórios cíclicos* têm a característica de usos diferentes em paradoxo e no Bairro Nortista tem essa prerrogativa desde o início da aglomeração na década de 1930, mas na atualidade demonstram mais integradas harmoniosamente a demais moradores da então cidade. Percebeu-se que os saberes e expressões culturais se interagem e transitam ainda em performances profanas e sagradas. Nisso, percebemos o estigma, a situação de *outsiders*, e uma possível mudança disso, com o tempo.

É interessante perceber *in locu*, que as ressignificações são realizadas e demonstram posições sociais diferenciadas⁷ entre os migrantes. Rolnik (1995) postula que a organização da vida pública na cidade emerge um poder urbano e que em sua primeira forma, na história da cidade, é de um poder altamente centralizado e despótico, que é a realeza. Ainda diz que a “origem da cidade se confunde, portanto com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder” (Idem, p. 21). Com isso, vê-se que a hierarquização é algo pertinente socialmente e no Bairro Nortista, não é diferente.

A hierarquia no bairro supracitado é visível principalmente nos lugares de morada que possuem lógica social diferenciada. No caso, o Bairro Nortista, torna-se âncora simbólica para gente dispersa (GUPTA; FERGUSON, 2000, p. 36) devido a grande número de migrantes nordestinos e de nível socioeconômico de classe baixa. Outros nordestinos e descendentes vivem em outros bairros, mas não existe a concentração de pessoas/famílias do Nordeste que existe no Bairro Nortista.

Os nordestinos que vivem em demais bairros, em sua maioria tem condições de vida e status social político de igual ou maior credibilidade política e econômica socialmente. Halbwachs (2004) nos lembra de que é necessária uma comunidade afetiva para o reconhecimento e reconstrução da memória. Nesse aspecto, o Bairro Nortista é um traço vivo de memória em redes de significados remodelados constantemente, principalmente devido à aglomeração e à comunidade afetiva que se formaram.

Em relação aos moradores do Bairro Nortista, existe interação entre os próprios nordestinos, principalmente na ocupação dos espaços do quintal das casas e nas ruas. Esta relação é marcada pela hierarquia e tendo a casa do senhor mais velho daquele pedaço, sendo

7 Norbert Elias e John Scotson (2000) teorizam os conceitos de outsiders e estabelecidos. Em relação a outsiders ele diz que é aquele que não se enquadra na sociedade, ou seja, que vive à margem das convenções sociais e determina seu próprio estilo de vida, através de suas crenças e valores.

reconhecido com “maior valor” afetivo para o grupo ou pelo menos que existe muita interação entre moradores amigos. Foram reconhecidos três chefes locais, o pai do José Arimathéa, o pai do Bail (Belizário, *in memoriam*) e o Sr. José Maia Lacerda.

O que se pretende colocar em foco é a questão da hierarquia entre os migrantes, o posto de *pioneiro* na cidade é conhecida para os baianos, e seus descendentes recontam a história de forma a continuar neste posto. É uma disputa e uma luta simbólica em volta dessa categoria. Contrapondo-se aos demais migrantes que também percorreram a história de forma relacional aos baianos, os migrantes que moram no Bairro Nortista, participam da vida pública, mas de forma submissa as regras e regulamentos sociais que se pautam principalmente na força política institucional que lá se fixaram através dos tempos.

Diante disso é que se diz que o lugar que se formou o Bairro Nortista é *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000) considerado violento, perigoso e lugar de aventuras sexuais (por vezes fazendo *jus* à categoria, por vezes não) e, portanto, não bem-visto socialmente. Contudo, a pesquisa aponta que ao passar dos anos, o Bairro Nortista transita por um movimento rumo a se tornar estabelecidos socialmente devido à diminuição da violência, da aparente diminuição na prostituição e à modificação de arquitetura no Bairro Nortista, de vernacular para construção de alvenaria, torna-se um ponto de reflexão para possível transição de categorização (*outsiders* para estabelecido). Porém, independente disso acontecer de fato, o Bairro Nortista é um lugar de memória desses momentos e tempos diversos que as pessoas ali viveram.

CAPÍTULO 2

CULTURA COMO CRIATIVIDADE

Imagem 31: Casas e a pesquisa/dor em fluxo



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

O trabalho de campo no Bairro Nortista sempre foi uma experiência muito interessante pessoalmente, pois se demonstrava ali o deslocamento da oficialidade em relação ao pioneirismo na cidade e este deslocamento me representava também, pois apesar de não ser nordestina, familiares meus, também têm em sua vida, uma trajetória de migração interna no Brasil.

Assim, há a tentativa de transição para um desenvolvimento de olhar mais aguçado e sensível aos sentidos do lugar, onde se percebe pessoas se afirmando mais do que outras e isso tendo um poder de invenção que é visível na forma que as pessoas ressignificaram relações sociais. Nesse sentido, a cosmologia de tramas e experiências que afeta o investigador, tendo a tentativa de transpor aqui. Dessa maneira, concordamos com Roy Wagner (2010, p. 28) quando ele diz:

[...] O antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo. Mais precisamente, já que falamos do total de capacidades de uma pessoa como "cultura", o antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura em geral.

Estes processos da invenção do eu e da sociedade é algo constante na perspectiva de Roy Wagner (2010), mas ir a campo e perceber este processo em fluxo torna-se algo deslumbrante, pois faz parte de um rito de passagem, onde o campo afeta o pesquisador e o campo é (re) criador de teorias também. Percebo que esse deslumbre tenha sido o motor da reflexão de Michel Fisher, dentre outros antropólogos, para refletir sobre a empírica e suas potencialidades.

Refletindo ainda sobre esta experiência do campo nota-se o quanto esse processo faz repensar sobre o que se vive nessa cidade – e particularmente, isto reflete na forma que vivo fora desta cidade. Nisso, concorda-se com Bruno Latour (2013) que é difícil de rastrear o social e o texto de Michel Fisher (1983), que utilizando teorias de Clifford Geertz, quando diz

sobre o desfiar o significado, associações, conexões, camada por camada. Por isso, aqui tentamos fragmentar a análise de forma mais prática e pontual, e assim elencamos lugares específicos, tentando aprofundar as experiências etnográficas, mas sabendo que a relação simbólica é fluida e vai além do material. Dessa forma, neste capítulo analisamos as sociabilidades que se tornam meios de apropriações; ressignificações; e promoção da identidade, por meio da tríade “casas, quintais e ruas”.

2.1 Casas

Imagem 32: Casas e a pesquisa/dor em fluxo



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 33: Casas e a pesquisa/dor em fluxo



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 34: Madeira/lenha para fazer a torração de mandioca



No fundo destas casas corre o córrego Palmeiras.

Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Tuan diz “que não há lugar como o lar”, por isso este se torna um lugar emblemático para investigação antropológica. Por essa razão, foram investigadas casas – lar – de moradores do Bairro Nortista. Tuan (1983, p. 20) caracteriza que “o lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem um espaço.” A palavra “lar” tem uma prerrogativa interpessoal. Compreendemos esta característica, tanto no livro de Tuan para “lar”, como na prática vivida no Bairro Nortista e na “casa” que Pierre Bourdieu aponta. À vista disso, aqui utilizamos “casa” e “lar” como sinônimas.

Nesse sentido, a casa é uma expressão no viés de apropriações simbólicas pelos atores locais e os objetos tornam-se significativos por sedimentar fatos oriundos da experiência em que a sociabilidade do bem cultural acontece. Portanto, a realidade é (re) construída através dos lugares, casas e objetos. Tuan (1983, p. 3) indaga “O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou pátria”. Appadurai (2003, p. 43) complementa:

A reterritorialização pode envolver o esforço de criação de novas comunidades residenciais localizadas (acampamentos, campos de refugiados, albergues) que se fixem não num imaginário nacional, mas apenas num imaginário de autonomia local ou de soberania de seus recursos.

Percebe-se a escrita de Appadurai (2003), como forma de direcionar a pensar sobre imaginários locais, onde as casas cabem no contexto que o autor demonstra, devido este ser o lugar onde as pessoas têm como característica a reterritorialização. Há uma ligação teórica entre esse autor, com Gupta e Ferguson (2000), quando eles teorizam sobre “Comunidades Imaginadas, Lugares Imaginados”. Volta-se, pois, a Appadurai quando afirma que “é a imaginação que terá que nos levar para além da nação”. Percebe-se a ideia implícita de que o

imaginário é real e que esta possui a prerrogativa do movimento que (re) constrói lugares, onde “além da nação” pode ser interpretado como além dos heróis e objetificação de poderes institucionais. Dessarte, as casas, são lugares imaginados e em movimento.

As casas antigas do Bairro Nortista foram construídas pelas mãos dos seus então moradores, muitas vezes, com auxílio da vizinhança em forma de mutirão, que é forma de construção coletiva e voluntária. Com o tempo se passando, casas foram destruídas e outras compõe o lugar. Tuan (1983, p. 119) pontua que “o meio ambiente construído, [...] tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes”. Aqui se destacam aspectos físicos e emocionais, também chamados de simbólicos, que evidenciarão características etnográficas do Bairro, onde no ato de construção coletiva, potencializa emoções e estreita os laços dos envolvidos.

Nesse contexto de construção física e emocional, em determinada casa da avenida central, a moradora, nascida no Rio Grande do Norte, transita em “tempos em tempos”, tendo seu endereço no Rio Grande do Norte e no Bairro Nortista. Atesta-se que o “lugar” é humanizado e humanizante (MALPAS, 1999) e também esta moradora se enquadra no que Park (1987, p. 32) diz em *população flutuante*. A moradora diz que “devido a ter parentes aqui (no bairro) e parentes lá (no Rio Grande do Norte) vai e vem...” Malpas indaga “que parte da população é flutuante?” Entende-se pelas pesquisas feitas, que no Bairro Nortista existam essas pessoas, geralmente adultos jovens, que vão morar em outros lugares, mas pela história do Bairro Nortista e por familiares que aqui vivem, torna-se este um lugar de referência e de provável retorno para quem vai.

Este processo de pessoas, filhas de nortistas saem do Bairro Nortista para morarem em outro lugar, foi percebido no ano de 2011 quando me aproximei de uma família de nortista, em um distrito X de Jussara. Naquele ano, estava como professora na escola do distrito e havia mais duas, uma estando solteira e outra casada. A solteira era a componente da família vinda do Nordeste, moradora do bairro. Atualmente uma destas professoras mantém aparentemente um relacionamento estável com outra pessoa e ainda está no distrito. E a outra separou do marido e mora bem próximo da casa de seu pai, no Bairro Nortista.

Nesta experiência, a professora que ainda está no distrito dizia que “na casa do avô, havia muitas outras casas no mesmo lote”. Ela demonstrava orgulho pelo avô e uma segurança de que “se qualquer coisa ocorresse de errado, ela tinha a casa do avô e o quintal dele que era grande, para construir algo e morar ali”. E demonstrava também que esta situação de abrigo, não era somente para ela, mas para qualquer membro da família.

Esta interlocutora mostrava muito orgulho pelos avós, pelas histórias de superação e “de vinda do nordeste para o Goiás”, como também era recorrente ela dizer “meu avô é muito correto”. E quando ela fazia algo que considerava errado moralmente, ela já dizia: “meu avô não pode saber”. E ainda dizia, “o que acontece aqui (no distrito), morre aqui.”. O ano de 2011 foi repleto de fala com este teor, onde a moralidade e o respeito para o patriarca da família, era demonstrado ser imenso. Ao mesmo tempo que tentava esconder ou impedir que os patriarcas da família soubessem dos feitos que ela considerava impróprios.

Por tanto ouvir em 2011, que o avô era correto e que ele não podia saber de certas coisas, que para esta pessoa, era imprópria, sempre me inquietava esta situação, de que no Bairro Nortista a imagem impecável do jovem de uma família nordestina, tinha que se manter extremamente limpa. Há certa reverência a história de luta pela sobrevivência, que as pessoas mais idosas passaram. Como estes homens e mulheres em seu tempo de vida se findam em algum momento, a memória não pode ser manchada pelos feitos das gerações mais novas e a casa é um centro também de referência, pois é nela que materializa a luta pela sobrevivência.

Com esta experiência, vê-se que a juventude do bairro e os jovens adultos permeiam a possibilidade de tornar uma população flutuante, onde vai para outros lugares e volta para o Bairro Nortista, aponta a ressonância de história que transcendem gerações.

Em relação a construção de casas, foi também percebido o avô e o tio, construírem, reformarem e/ou fazer um “puxadinho” na casa para receber o ente querido que retorna. No caso desta professora que retornou, aconteceu algo semelhante. Ela ficou na casa do pai por um tempo, e depois alugou uma casa bem próxima.

Há também a constatação de existência de casas conurbadas, ou seja, moradias que tem ligação/abertura entre os lotes é uma constante no Bairro Nortista. Em uma situação o chefe da família disse que “o meu neto gosta muita da vizinha, que é tia avó dele e por isso fizemos a ligação da casa da vizinha para outra, para ele (a criança) não passar pela rua e facilitar sua ida e vinda”.

A “tia avô” é do Rio Grande do Norte, mudou-se para Jussara no início da década de 1950, casou com o Cearense, vizinho dela, ele faleceu, e atualmente mora no lote próximo do cunhado. O cunhado é o avô da criança, esta que corre, brinca e interage com todos na atualidade. Em relação a vizinhança, Park (p. 31) diz que “é uma unidade social que, por sua clara definição de contornos, sua perfeição orgânica interna, suas reações imediatas, pode ser justamente considerada como funcionando à semelhança da mente social”.

A outra vizinha que doa o terreno, não tem nenhum parentesco sanguíneo com a criança, entretanto faz a “doação” por questão de afeto construído ao longo de anos. Ou seja, a

reciprocidade da troca vai sendo construída no dia a dia, sendo possível perceber inclusive materialmente. Esta é uma especificidade que confirma o exposto por Tuan (1983, p. 20), quando ele diz que “objetos e lugares são núcleos de valor”. Quem acompanha a demonstração das casas (durante a entrevista) é o avô. Tuan, (1983, p. 34) diz ainda que: “O isolamento das colônias raciais e de imigrantes nos assim chamados guetos e as áreas de segregação populacional tendem a preservar e, onde exista preconceito racial, a intimidade e solidariedade dos grupos locais e de vizinhança.”

Tuan (p. 130) ainda teoriza:

No mundo moderno, as pessoas não constroem suas próprias casas, como o fazem na sociedade pré letradas e de camponeses, nem sequer participam de maneira simbólica na construção de monumentos públicos. Os ritos e as cerimônias próprias da atividade construtora, que se pensava ser a criação de um mundo, tem diminuído sensivelmente, de modo que na construção de um grande edifício público somente permanecem os gestos poucos significativos de assentar a pedra fundamental e de telhar. A casa não é mais um texto que agrupa as regras de comportamento e até uma total visão do mundo que pode ser transmitida através de gerações. Em um lugar de um cosmos, a sociedade moderna tem crenças divididas e ideologias conflitantes. A sociedade moderna é cada vez mais letrada, o que significa que depende cada vez menos dos objetos materiais e do meio ambiente físico para corporificar o valor e o sentido de uma cultura: os símbolos verbais tem progressivamente deslocados os símbolos materiais, e os livros instruem mais do que os prédios.

Percebe-se que a fraternidade entre a vizinhança aumenta com o estigma do lugar como sendo “gueto”. Assim sendo, o recurso da conurbação e a própria receptividade dos moradores (principalmente os mais idosos) representada como intimidade e a solidariedade dos grupos locais e de vizinhança. No caso, é visível no desprendimento à posse do terreno (parte do lote) em favor da criança que ali se experiencia e cresce. Este exemplo do objeto supracitado é a prática do que Park (1979, p. 29) diz: a “cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam”. O autor ainda pontua que “é a organização da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão” (Idem).

Depois deste adentramento do/no campo, é possível fazer um panorama do Bairro Nortista e dos moradores. Estes moradores que ali vivem há mais tempo apresentam em suas casas, sinais de uma maior presença de uma vida rural, nordestina e com proximidade espacial maior com alguns familiares e vizinhos, que se tornam amigos. Isso é dito, pois há muitas pessoas que vivem em espaços compartilhados. Assim, utiliza-se de a forma de pensar a casa, como lugar construído materialmente, mas que na vivência da construção material, há também a construção de afetos com o lugar e com as demais pessoas.

A situação de muitas casas no mesmo lote é um indicio disso. Por exemplo, há no Bairro Nortista muitas casas (duas ou mais casas) num mesmo lote de terra. A foto abaixo demonstra uma dessas muitas casas que tem esse arranjo espacial e simbólico.

Imagem 35: Casa dos pais de José de Arimathéa



Ele mora no fundo da casa dos pais numa casa de construção de “pau a pique”. As imagens 38 e 39 demonstram a casa de José de Arimathea no fundo dessa casa.

Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

José de Arimathéa, vive numa casa, no mesmo lote com os pais. Ele é um homem de meia idade, funcionário público municipal, não é casado e não tem filho. Ele demonstra ter respeito à figura paterna e materna, inclusive tendo certo zelo e cuidado, do pai ver ele fumando. José de Arimathéa é graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás, campus Jussara (turma 2006) desde o nosso primeiro contato em 2003, ele demonstrou narrativa diferente, em relação a que eu sempre ouvia no município. Ou seja, José de Arimathéa me trazia outra versão sobre a história, que eu não conhecia e que por vezes o que conhecia, era demonstrado, até então, por um filtro, onde o Bairro Nortista, era um lugar ruim e perigoso.

As especificidades de que José de Arimathéa fala do Bairro Nortista, foram sendo ampliadas por falas de outras pessoas do Bairro Nortista. E minha história como ser humano, foi sendo revista, pois o meu olhar para o campo foi sendo questionado e revisado. Por isso, concorda-se com Roy Wagner (2010, p. 39) quando ele diz que: “À medida que o antropólogo usa a noção de cultura para controlar suas experiências em campo, essas experiências, por sua

vez, passam a controlar sua noção de cultura. Ele inventa "uma cultura" para as pessoas, e elas inventam "a cultura" para ele.”

Nessa tentativa de entender o campo, percebe-se que havia uma espécie de rede de fofoca e/ou de oficialidade na cidade que dizia que o Bairro Nortista era um lugar muito perigoso. Norbert Elias e John Scotson (2000, p. 121) dizem que “a fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias”. As normas e crenças do Bairro Nortista vão sendo aos poucos compreendidas através do adensamento da experiência etnográfica. Na fala desta personagem do bairro, parecia outro lugar, não aquele Bairro Nortista que eu ouvia quando criança. Obviamente os anos se passaram e o local se modifica, entretanto, o sentido que o bairro como gueto e como lugar violento é ainda recorrente até nos dias atuais.

Com essas narrativas fora e sobre o Bairro Nortista, vejo na pesquisa etnográfica um outro lugar, diferente daquele que eu tanto ouvia anteriormente. Portanto, há uma reinvenção o que é “cultura”, assim fica em proeminência o valor da comunicação como processo de ressignificação de sentidos. Esse processo de presunção da cultura, como a invenção da linguagem, é vista em Roy Wagner (2010) dentro de um intenso contato de objetificação e ressonâncias na/da vida.

Passados anos, e, através de intensas conversas com José de Arimathéa, ele tornou-se no processo de construção etnográfica, um dos interlocutores mais ativos. Na Imagem 40, chamo atenção que ele foi dar comida para seus quatro gatos. Naquele momento, a prioridade não era ouvir e falar com a pesquisadora, mas sim cuidar da necessidade dos gatos. Nossas conversas e contatos, sempre foi assim: a pesquisa deveria ser feita de uma forma que o que tinha que ficar em primeiro plano era a vida deles e não eu como pesquisadora. E isso eu sempre gostei. Assim como existe uma vida que segue no Bairro Nortista, que eu posso até sentar-me num bar dali para conversar (fazer a etnografia), porém o importante ali, não sou eu, mas sim, é a dinâmica deles próprios e o José de Arimathéa, sendo uma pessoa sensível, generosa e esperta, parece que sabe que eu tenho que viver a pesquisa e não ele próprio me esmiuçar a pesquisa em atos simplórios e/ou de expertise.

Noto com José de Arimathéa, meu principal interlocutor, que a experiência etnográfica é feita na informalidade na casa de nordestino, onde a vida corre e que apesar de coisas não estarem separadas e orquestradas, ali a demanda do momento são eles e eu entrar nessa vida sem intervenções abruptas era algo necessário e ideal.

Imagem 36: Senhora Amélia Capela, filha de fazendeiro paulista que chegara na década de 1950



Ela não mora no Bairro Nortista, mas sim no centro da cidade.

Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 2014.

Diferentemente do tratamento que se tem de uma filha de um fazendeiro, que recebe a pessoa que pesquisa na sala de casa, situado no centro da cidade e com viés formal, José de Arimathéa conversa na área ou no quintal, sentado numa rede, cadeira ou tamborete, ou nos bares, no Bairro Nortista. Nota-se com meus interlocutores do bairro que ali é uma extensão da sua casa. O que em minha experiência pesquisando outras pessoas, de outros bairros da cidade, nunca acontecera. Ou seja, ser guiada pelo lugar é uma peculiaridade dos moradores do Bairro Nortista, sejam homens ou mulheres. Mas ficando visível que quando é homem, o desbravar é mais extenso e mais demorado.

Observo também que na casa da paulista Sr.^a Amélia Capela, na sala, onde ela nos recebe tem fotografias de familiares que ela demonstra com orgulho. Há também símbolos cristãos pela casa. A conversa pauta-se no orgulho do que os pais fizeram pela cidade no sentido político no passado, suas contribuições ao município na atualidade, como também no orgulho dos netos que estão a estudar e se tornarão “doutor”.

O que se deseja demonstrar com o exemplo da Sr.^a Amélia Capela (moradora do centro da cidade) e José de Arimathéa (morador do bairro em estudo) é que etnograficamente, a experiência com os moradores do Bairro Nortista é algo mais denso, pois a construção é fundamental na constituição de identidade de um coletivo diverso relacionado a um lugar específico. Nessa situação, as experiências que no bairro e fora dele, as pessoas que são nortistas fazem refletir sobre questões de lugares e posicionamentos de objetos para uns e para outros.

Em relação à religiosidade, pode-se descrever que na casa do José de Arimathéa não se vê símbolos cristãos ou palavras que demonstrasse a fé cristã, mas sim, coisas que remetem ao Nordeste como a cabaça que está visível na imagem 36, útil para colocar água para ir

trabalhar, mas agora tem efeito de enfeite para casa, e que transcende sentidos. Também destaca-se que a cabaça está num lugar alto, centralizado, fácil de ser visto, assim como a cruz cristã na imagem 41 está visível da Sr.^a Amélia Capela. Esse processo de escolha de objetos (mas que aqui utilizo Tim Ingold para chamar de coisas) transcende histórias que está fortemente ligado na construção do próprio lugar e nas identidades dessas pessoas.

Até então nunca foi notado que José de Arimathéa disse algo relacionado a fé ou orgulhoso por ter algo a fim de ter uma posição social de destaque. Mas no final do ano de 2018, vi o José de Arimathéa num bar, o que é bem comum, mas o incomum foi que ele estava próximo a uma casa que estava sendo realizado uma festa de Folia de Reis. Naquele dia, eu ia para um momento de lazer, na zona rural de Jussara, porém senti que era necessário parar e conversar um pouco com José de Arimathéa. Fiquei ali por algum tempo, o acompanhei à folia e vi que a festa é algo importante para os moradores daquele lugar. Mas José de Arimathéa relata que “nós fazemos a folia nordestina e ela é diferente da folia mineira, que em Jussara também tem”. Assim notei que mesmo que não fale de fé de forma constante a mim, a questão de valores familiares e comunitários, para ele era importante.

Percebi também que seu orgulho é de poder ir ao Nordeste, como também viver da forma que vive, uma forma de vida simples, com histórias que envolve valentia, bebida, mulheres e desprendimento. Isso é dito, pois sua narrativa e experiência com ele, e no bairro, são perceptíveis à questão da existência da vida difícil e árdua no sertão, compõe a sua identidade, dentro de um processo de construção de lugar, onde a figura do Lampião no Cangaço torna-se uma estrutura sentimental que transcende na memória para o Bairro Nortista e se rearranja no lugar.

É evidente também que algumas pessoas, quase não falam do sertão. Essa percepção do lugar como tendo variação é importante para que possamos compreender além de uma antropologia interpretativa, desenvolvendo uma antropologia crítica. Nessa perspectiva, Michel Fischer (p. 57) demonstra que: “Os indivíduos mantêm diferentes posições na sociedade, diferentes percepções, interesses, papéis e de suas negociações e conflitos surge um universo social plural no qual podem coexistir e competir muitos pontos de vista opostos.”

Portanto, as visões diferentes sobre o Nordeste no Bairro Nortista são próprias dessa antropologia crítica que vaza em polissemias. Uma das formas de constatação disso é que os jovens têm na imagem do Nordeste que vai além da lembrança das histórias contadas pelos mais velhos. Para os jovens, região ideal é o próprio bairro, mas em relação à região como lugar específico, há a preferência do sonho, a lembrança e/ou experiência do litoral da praia. Ou seja, longe do sertão vivido e de lugar de saudade dos mais velhos.

Daí outro rearranjo de um sertão no bairro, sendo que outros também são possíveis. Isso ficou notório, quando estava na casa do sr. José Lacerda, com sua esposa, vários netos que se movimentavam constantemente de uma casa para a outra (sem muros) duas filhas, um genro, um vizinho, José de Arimathéa e eu. Nesta ocasião tive uma aproximação interessante, onde foi me oferecido café (o que até então nunca ocorrera), a conversa aconteceu de forma muito natural e os “variados nordestes” desejados surgiram. Sendo que para os mais velhos (idosos) o sertão é uma saudade e um lugar de lembrança; para os mais jovens, o interesse é no nordeste do litoral e da diversão. Nesse sentido, o bairro vai sendo reinventado por meio destas narrativas e dos silenciamentos também, onde quem nunca foi ou não é de lá, fica calado geralmente observando. Exemplo disso: o vizinho deles e eu.

Na sequência, a casa do Zé de Arimathéa numa espécie de área que ele construiu. Atento que ele mora no fundo da casa dos pais. Assim, aqui há duas casas no mesmo lote, algo bem frequente no bairro em propriedade de nordestinos, principalmente de moradores em que o patriarca da família é bem idoso. O que quero dizer é que geralmente a pessoa idosa faz com que o costume de viver juntos no mesmo lote ocorra. Mas notei que quando o idoso falece, a tendência é que haja a divisão do lote entre os filhos. Mas no caso do José de Arimathéa, seu pai continua vivo, e as casas dividindo o terreno. Segue a fotografia:

Imagem 37: Casa do José de Arimathéa



Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

Imagem 38: Fotografia de outro ângulo da casa do José de Arimathéa



Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

2.2 Quintais e ruas

Quintal vem do latim *quintanalis* e está relacionado a terreno atrás da casa. Para os arquitetos é uma denominação que geralmente se refere à parte não construída, em geral também atrás de um terreno de uma residência. Mas para os moradores do Bairro Nortista, quintal é toda área externa da casa, seja atrás, frente e lado. Sendo que o quintal à rua, é lugar propício a relações sociais entre familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos. Onde estas pessoas passam muitas horas, sobretudo durante o dia. E dentro de casa, vai e está apenas pessoas extremamente próximas. Assim são nos quintais e nas ruas que a interação mais aberta ao social, no Bairro Nortista, ocorre.

Imagem 39: Calçada de casas e de bar, lugar de estar entre amigos e família



Destaque para a planta denominada espada de São Jorge. Esta planta tem origem africana e é conhecida popularmente como sendo uma planta de proteção contra o mau-olhado, devendo ser colocadas próximo à entrada das casas.

Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 40: Espada de São Jorge em frente a um salão de beleza no Bairro Nortista



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 41: Espada de São Jorge no quintal da casa de uma senhora de origem do estado de Minas Gerais



A idosa mora no Bairro Nortista há mais de três décadas, entretanto a senhora chama a planta de “língua de sogra”.

Fotografia de 31 de janeiro de 2019. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

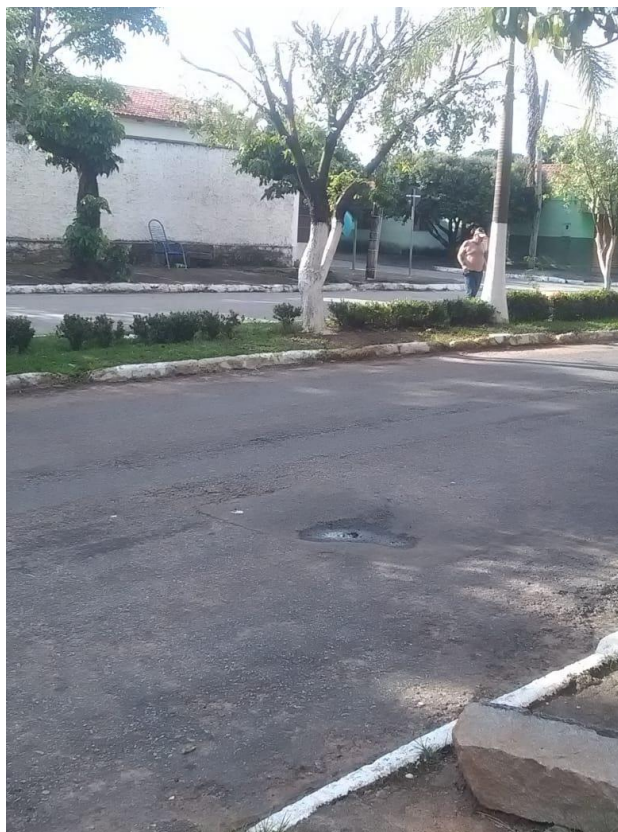
Imagem 42: Calçadas de casas e bar, lugares de encontros e muitas conversas



Destaque para a existência de bancos fixos e móveis.

Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 43: Mais calçadas, cadeiras, ruas e idosos



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 44: Quer andar? É na rua...



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 45: Quer andar? É na rua... (parte 2)



Fotografia em 08 de janeiro 2019. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 46: Entre carros, ciclistas



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 47: O movimento dos bares do Bairro Nortista



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 48: Numa quinta-feira, próximo às 14 horas, entre conversas debaixo da árvore



Fotografia de 31 de janeiro de 2019. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Imagem 49: Rua do Bairro Nortista



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Nesse contexto, encontrar alguém pela rua ou ir conversar no quintal do outro é algo cotidiano no Bairro Nortista. Tanto que a maioria destes relatos aqui presentes, foram feitos em encontros não programados, na qual a vida em si, o contato com o outro e a fala do interlocutor não passaram por intervenção programada. O que desejo demonstrar em específico é que a experiência de campo acontece de forma que vou no centro da cidade fazer coisas não relacionadas ao campo, mas chegando lá, encontro um interlocutor de minha pesquisa e sinto que o campo me chama, pois o esse diz: “Quero te mostrar um livro” ou “Eu sou preto, mas meu amigo não me reconhece preto, apenas me reconhece como nortista. E meu amigo não gosta de preto.” Ou a mulher que sai no meio da entrevista porque o marido falou que no Bairro Nortista e em Jussara, é bom demais e a mulher, notavelmente discorda disso. Com estas conversas e por vezes, silêncios e rompantes, sinto o campo “me chamando”

a todo momento e me direcionando para questões que para eles são importantes, como a questão de gênero e raça.

Em relação gênero, nota-se que a relação é de extrema submissão aos homens, onde para a mulher se experienciar de forma mais livre, há uma tendência de sair do setor. Para o homem ter esta experiência de liberdade, fica subentendido que é somente estar no Bairro Nortista, porque a diversão ali já está: sexo e bebidas alcoólicas.

Assim, mesmo que não estejamos no Bairro Nortista, o lugar é um assunto não somente nas casas, mas nos quintais e nas ruas; transcendendo inclusive o próprio bairro. Talvez seja a ligação de origem semelhante e do encontro destas pessoas que fazem do Bairro Nortista, um lugar peculiar. Diante disso, esta peculiaridade pode ser parte da justificativa de ainda se manter tantas casas sem muros, ou várias casas num lote só (com muros): há ainda pessoas que não veem necessidade de construir muros. Percebe-se isso por meio do hábito de moradores conversarem em frente de casa ou no quintal com os vizinhos. As casas do bairro possuem número considerável de bancos fixos em frente às casas, como também os moradores colocarem outras cadeiras em frente à casa para conversarem.

Como já descrito, há também casas (no plural) dentro de um mesmo lote “com e sem muros”. O que se percebe é que essas residências em um mesmo lote são de pessoas da mesma família e/ou de amigos, que quando fazem o muro em volta é no intuito de garantir sentimento de segurança ou de limitar a posse, em caso de heranças. Ou seja, quando o patriarca morre, há uma tendência em dividir o lote para os herdeiros. Assim, casas em um mesmo lote podem ser rearranjadas após a morte do patriarca. Nas situações de casas sem muros, nota-se que o quintal torna-se um lugar potencializado de sociabilidade entre os moradores.

Tuan (1979, p. 127) descreve que “um homem fala como indivíduo quando conversa de sua porta, mas fala pelo grupo quando está no meio do acampamento”. Na experiência etnográfica no Bairro Nortista, geralmente encontro as pessoas no meio do quintal, conversando com os demais parentes, amigos ou conhecidos. Desse modo, pensar o processo que Tuan demonstra que falar no meio do acampamento, vejo como possível analogia pensar o acampamento sendo o quintal no Bairro Nortista.

Destarte, o senhor que fica visivelmente no quintal e sem muros, ou seja, acessível às pessoas, acaba tendo uma notoriedade maior no bairro devido a sua permanência visual nesse lugar, faz com que este senhor tenha uma representatividade dentro do bairro de maior respeitabilidade. O interessante é que vou no Bairro Nortista e geralmente sempre vejo o

senhor José Lacerda no quintal, seja sentado conversando com alguém, sozinho, ou fazendo outra coisa, como mexendo em suas plantas. A meu ver, ele talvez seja a pessoa que é o chefe local que Park (1979, p. 31) demonstra.

Vendo isso como potencial fonte de análise, sigamos com a situação de eu ver corriqueiramente o Sr. José Maia Lacerda no meio do lote, conversando com alguém ou sozinho, mas observando o movimento como se fosse (talvez seja) “controlando” seu território. Para mim, ele é o chefe local, ou pelo menos o mais acessível. Penso também que o pai do José de Arimathéa também seja essa pessoa que esteja nesta posição de chefe local, no entanto, nunca conversei com ele. Noto que naturalmente existe uma distância entre nós, talvez por ser o chefe local, mas sempre pessoas referem-se a ele na formação do Bairro Nortista. Detalhe: o que ele fez para o bairro? A meu ver, as pessoas o respeitam pela sua história de vida, suas lembranças do nordeste e por ter sido uma das pessoas que construíram e ajudaram uns aos outros naquela localidade. Ele diz que “deu terrenos” para pessoas construírem casas e até já “deu casas prontas para famílias morarem”.

Em se tratando especificamente dos quintais que tem as “casas com e sem muros”, geralmente são pessoas com idade mais avançada e permeia esta sociabilidade coletiva para os filhos, netos, amigos que o rodeiam e torna-se o patriarca do núcleo, um “chefe local”, ou seja, uma referência para a comunidade no que se refere a comportamento e história viva. Park (p. 31) diz que “o chefe local, apesar de poder ser autocrático na esfera mais ampla da cidade com o poder que adquire da vizinhança, deve sempre ser do povo para o povo.” Nesse sentido, vê-se que o entendimento de chefe local pode ser percebido pelo respeito interno no Bairro Nortista para determinadas pessoas, geralmente são bem idosas.

O espaço do quintal em casas sem muros, geralmente são intensamente usados durante o dia e noite, em conversas entre a vizinhança. Halbwachs (2004, p. 139) afirma que “se os habitantes de uma cidade ou de um quarteirão formam uma pequena sociedade, é porque estão reunidos numa mesma região do espaço”. Percebe-se na experiência etnográfica, situações das quais o infante trata o adulto conhecido pela família, como parte de sua família, tendo o hábito inclusive de “pedir bênçãos” e o adulto o “abençoando”

Em dezembro de 2018 encontrei o José de Arimathéa próximo a minha casa, que fica no setor Marajoara. Ficamos conversando na rua por quase uma hora, falamos sobre a vida e sobre o Bairro Nortista (muito do que aqui já fora descrito). Como eu notei que o José de Arimathéa queria conversar mais, aliás, ele é bom de conversa, falei para ele que no outro dia podíamos nos encontrar. Marcamos num bar do Bairro Nortista. No outro dia, na hora marcada, lá estava eu no bar e José de Arimathéa não estava ali. Como eu conhecia outras

peessoas, perguntei para um rapaz se ele sabia onde estava me disse que estava num outro bar, bem perto dali e no mesmo setor. Eu fui e José de Arimathéa estava lá.

O que quero deixar explícito nesta conversa é que estar em bares no Bairro Nortista, para os homens, é muito comum. O divertimento é o bar e falar dos tempos “gloriosos” do passado, onde havia juventude, muita saúde e até valentia.

Neste sentido, o bar talvez seja a junção do quintal, da rua e da casa, pois nas casas conurbadas as relações são mais próximas, sendo assim, os quintais e ruas tornam-se lugar de encontro e/ou de passagem entre todos num sentido mais amplo, culminando num bar. Numa analogia e até fazendo um panorama, nota-se que os quintais se misturam às ruas, que se misturam às casas, que se fazem a vida e que modelam identidades, mas que por vezes se deslocam na criatividade humana. Vê-se que os quintais e ruas ficam num emaranhado de fios vitais que entrelaçados (Tin Ingold) está pulsante a cultura da criatividade que Wagner (2010) descreve.

Imagem 50. Vida sem muros



Fotografia de Dezembro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Em relação aos desejos e demandas que Appadurai descreve, bem como dos materiais e forças que Ingold ressalta, é possível sistematizar um dos temas mais falados no bar, que é sobre a morte. Essas narrativas conduzem a fala de José de Arimathéa, quando diz que: “a família ficava triste, entretanto, o nordestino em geral, estava acostumado com a

morte e que goiano tem mais amor aos filhos”. Ainda nos relata que a família enterrava a criança e o homem ia “beber uma pinga no bar e que mais tarde saberia que teria mais filhos”. Este processo de vida que se ambienta em bar e cemitério (entre outras formatações) é cotidiana e visível na materialidade, percebida na etnografia das ideias.

Diante da experiência etnográfica, segue abaixo a fotografia do Bar do Paraíba e um relato sobre um momento de onde foi requerida a atuação de pesquisadora. Essa oportunidade é relevante, pois se observa o reconhecimento ou necessidade da presença de uma investigadora local devido à própria pesquisa que se faz naquele lugar. Na ocasião, em uma sorveteria, José de Arimathéa manifestou a vontade de mostrar uns livros e literatura de cordel. Depois de quase três horas conversando sobre a invenção nordestina, resolvemos marcar para o dia seguinte, novamente em ambiente informal, (um bar), que ele e demais moradores chamam de Bar do Paraíba.

Chegando ao bar, Zé de Arimathéa já estava no meio de uma partida de dominó, com mais quatro homens idosos ou próximo a essa faixa etária. Aquela partida que assisti foi apostada com dinheiro, pois ao final teve o pagamento para o ganhador. No bar havia uma mesa de sinuca, onde uma mulher e um homem aparentemente próximos a 30 anos de idade jogavam. Indagado ao nosso interlocutor principal nos diz: “são os netos de João”. Esse senhor é morador do Bairro Nortista e o nome dele é falado, mesmo não estando no lugar, mas o nome dos netos, mesmo estando, não é falado. Essa situação se repete. A pessoa é apresentada através dos pais e dos avós. Mas não por si mesmo. Nota-se a questão familiar arraigada à noção de identidade do sujeito.

Imagem 51: Dominó no Bar do Roberto, vulgo Paraíba em janeiro 2018



Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

Imagem 52: Dominó no Bar do Roberto, vulgo Paraíba



Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

A passagem de tempo é importante para vermos os movimentos da vida e as mudanças no lugar. Em janeiro de 2018, pedi a autorização para Roberto, vulgo “Paraíba”, dono do Bar e Lanchonete Saraiva, para fotografar o lugar. Ele me autoriza. Em dezembro de 2018, volto ao bar e o José de Arimathéa me diz que o “Paraíba” faleceu. José de Arimathéa me diz que o “Paraíba morreu de tanto beber e tomar Viagra”. Ele diz ainda que sente falta do amigo, das conversas, dos ensopados de bode com feijão, inclusive dando aos seus aos conterrâneos. José de Arimathéa disse que ele “dava esses aperitivos apenas às pessoas do Nordeste, por que as outras geralmente não gostam deste tipo de comida.”

Imagem 53: Conversa de bar



Outro bar que fica de frente do Bar do Paraíba; falando de outras pessoas, de outros lugares, de lembrança do lugar e olhando para a rua

Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

Em relação a ida em janeiro de 2018 no Bairro Nortista, do Bar do Paraíba, José de Arimathéa sugere para irmos para o Bar de frente. E lá a conversa informal continua no bar com um amigo de Zé de Arimathéa. E ao passar nas ruas, sejam de carro, de moto, bicicleta ou “andando a pé”, Zé e seu amigo continuam dizendo quem é quem no Bairro. Este ritual de

apresentação (mesmo que às vezes distante da pessoa apresentada) evidencia os laços entre pessoas que se casam, como também os laços de amizade. Outra característica percebível são as histórias de valentias como a do bisavô de uma funcionária da Polícia Civil que estava no estabelecimento naquele mesmo momento. Quase numa forma de cochicho (fofoca), é contada a história do bisavô potiguar da policial. Novamente vê-se a rede de fofocas como meio de adensar a etnografia.

As histórias ouvidas sempre se remetem a quem matou quem; quem benzeu e curou quem; ele era brabo; era doido; a mulher era uma santa, retratando a virtualidade e sabedoria da boa esposa; eu comia demais o caldo de mocotó que dona Maria (ou outra senhora) fazia; histórias do cangaço e da vida do sertão; do ontem que era assim em contraste com a atualidade; prostituição e histórias no/do cabaré; bebida; músicas. Essas histórias não são ouvidas somente com o José de Arimathéa, mas é uma constante para as demais pessoas que tive contato. Eles relembram daqueles que fizeram algo no lugar ou que foram importantes para aquela população que morava no Nordeste.

Outra coisa muito notada no bairro é a questão da constante reforma e construção de puxadinhos. Ou seja, o bairro parece que sempre está em construção. Chama a atenção que as casas em lotes grandes, sempre há situações para que isso ocorra: uma neta que casa e ali constrói algo; a filha que separa e volta a morar com os pais; o filho que não casa e constrói uma casa no fundo da casa principal; o elo físico (uma espécie de corredor) que se constrói para as pessoas passarem entre os lotes quando estes há muros. Dessa forma, os tijolos, telhas e cavaletes da construção permanecem, pois a necessidade de continuar a construção é algo que se retorna.

Imagem 54: Entre tijolos para a constante reforma e construção de puxadinhos



Animais no quintal aberto para rua e mesas no quintal...
Fotografia de Dezembro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Este processo suscita pensarmos com James Holston (2013, p.208-209) quando ele diz que:

Assim, para os moradores a periferia significa um drama de mudança extraordinária, cujos temas de desigualdades e luta, segregação e inclusão, pobreza e melhorias, humilhação e afirmação são ao mesmo tempo intensamente pessoais, e políticos no cotidiano: um drama em que as experiências de barracos, ruas de terra, esgoto a céu aberto, inundações e expulsões, violência e serviços urbanos precários, ônibus lotados e intermináveis viagens para trabalhar são lidas através do futuro das construções de casas, de melhorias no bairro, da organização de comunidades e do consumo moderno que constituem o sonho de algum dia ter casa e destino próprios. Os moradores leem as mudanças cotidianas em seus bairros – em cada telha assentada, cada utensílio, num sofá e num segundo andar, com cada posto de saúde, escola, rua asfaltada e tubulação de esgoto – como prestações dessa narrativa da transformação da vida subalterna. [...] Para as classes altas do centro, a periferia costuma significar “os criminosos e destituídos”, a explicação da sociedade brasileira. Os moradores da periferia também podem ver cada nova pilha de tijolos nesses mesmos termos. Mas esses elementos também se referem à heterogeneidade e à especificidade de suas histórias, nas quais suas periferias são um espaço emaranhado na amargura de uma expulsão, de segregação, de ilegalidade e do heroísmo de dominação e redefinição.

Diante do pesquisado por Holston (2013), constata-se que no movimento do Bairro Nortista, muito já conseguiram em relação à legalidade do terreno e a saneamento básico. Não obstante, ainda vigora a questão da telha e dos demais materiais de construção, sendo notório visualmente. Nota-se também para dona Joana, moradora do lugar nascida no Rio Grande do Norte, a fala das necessidades de melhoria de serviços do setor. Talvez ela seja a pessoa que mais teve uma narrativa de reivindicação de melhorias para o bairro.

Imagem 55: Entre estados/entre família(s)/entre tijolos; telhas; bancos e animais



Sogra do Rio Grande do Norte e genro da Bahia.

Fonte: Fotografia de Dezembro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Através de Holston (2013) se pode afirmar que as dinâmicas percebidas nas conversas com os moradores, na forma deles conversarem, na forma que eles dispõem cadeiras, bancos, materiais de construção no quintal e próximo a rua, como na forma deles

vivem e se relacionarem, é uma das formas de perceber a dinâmica daquele lugar. É notório também que essas modulações são feitas através de tensões que vulcanizam emoções diversas, apresentando um emaranhado que por vezes mais perceptíveis, e outras não tão entendíveis nos seus sentidos.

Imagem 56: Entre a casa e o quintal de uma moradora do Bairro Nortista



Fotografia de dezembro 2017. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

O processo de dinâmica é o que noto que torna o lugar peculiar. Com isso, percebo que a presunção da cultura é apenas uma forma de inventar nomes para que a pesquisa seja feita e para que o campo seja visibilizado. O que resta então é a própria vida em seus arranjos, dentro de um processo de criatividade constante. Eis os homens ao julgar, classificar e objetificar o que é móvel. Tento ser ética e nesse processo me refazer, tornando-me ser uma pessoa mais ouvinte do que classificatória.

2.2.3 Causos das ruas e dos quintais (entre movimentos)

Em momentos de entrevistas e conversas informais, é recorrente ouvir a história que a cidade “era um bom lugar para se viver, pois aqui havia água e eram fartas as plantações”. Vejamos. Em uma conversa com um casal de morador, o morador José Maia Lacerda repetiu

essa versão, sua esposa, Dona Rita Lacerda, interrompeu e disse: “Aqui não era bom não... Lembra que nosso filho morreu à mingua?!” Vê-se a dor da mãe, em que para o homem, a questão do alimento já era fator e justificativa suficiente para se viver na vila.

Imagem 57: Entre quintais; ruas; moradores conversando



Neste lote de terra – a esquerda – em 2018 está sendo construído um comércio

Fonte: Acervo particular de Hilda Freitas Silva. Data: agosto/2014.

Voltando ao Bairro Nortista em maio de 2019, no lote acima (mais para a direção da direita) está sendo construído um comércio. Estas mudanças no bairro são visíveis e somadas às mortes de pessoas que abriram estradas com machado e formaram o bairro, faz com que o Bairro Nortista venha ter novos sentidos, que para mim distanciam simbolicamente do Nordeste, mas que se aproxima a necessidades mais cotidianas.

Imagem 58: Entre ruas; árvores e casas



Fonte: Acervo particular de Hilda Freitas Silva. Data: agosto/2014.

Imagem 59: Entre naturezas: ruas em transformação



Fonte: Acervo particular de Hilda Freitas Silva. Data: agosto/2014.

Em relação à imagem acima, descrevo que a direita está o campo de futebol onde os moradores homens e amigos vão para praticar futebol. O lugar é um terreno da prefeitura e no de 2016 foi instalado também uma academia pública “a céu aberto”, onde pessoas e idade variadas vão praticar exercícios e/ou distrair um pouco.

Em relação aos objetos dos moradores, pode-se citar o seguinte caso: foi perguntado para o casal a existência de objetos que eles consideravam importantes e que eles se lembravam do Rio Grande do Norte. O senhor José Maia Lacerda é bem articulado verbalmente e fala de ferramentas e árvores. Já sua esposa falou da existência de cartas que enviava e recebia do Nordeste, mas que não lembrava onde estavam. Ela não quis tirar foto e entrou em casa. Isso remete ao texto de Pierre Bourdieu, pois ele aponta de forma determinista os lugares entre homem e mulher. Assim, é possível dizer que ficou reafirmado a situação que Bourdieu (p. 89) demonstra que “o homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro.”

Em uma perspectiva Homem e Natureza (ecologia humana) uma das fronteiras naturais entre o Bairro Nortista e o Bairro Goiás, é o Córrego Molha Biscoito. Há várias pessoas que narra a história de que este córrego, com águas rasas e contínuas, leva esse nome devido às pessoas passarem lá “a pé” no meio do córrego (Obs: nas décadas de 1930 a 1950 não tinha ponte de ligação) carregando biscoitos em suas capangas – pequena bolsa, usada na mão ou presa à cintura. Na experiência de atravessar, encostavam as capangas nas águas, molhando o biscoito. Nota-se a ligação antropológica do alimento ao lugar.

Nesse bairro, mais precisamente, na Avenida C (atrás da rodoviária) haviam várias casas de prostituição. Há narrativas de que em certos momentos, todas as casas da Avenida C fora de propriedade ou de responsabilidade do aluguel de Maria Leite, essa era a chefe e/ou cafetina, que organizava as casas para a atividade descrita. Inclusive ela escolhia as mulheres mais bonitas para lá trabalharem. José de Arimathéa diz que “essas mulheres eram muito importantes socialmente”, pois, elas e nessas casas, representavam “a forma de estravar a energia do homem naquela época”. Disse que “o homem jovem sempre iniciava a vida sexual nessas casas” e que “não havia prostitutas do Rio Grande do Norte (nessas casas), mas sim eram na maioria mato-grossenses”.

Nesse quesito de sexualidade, atenta-se para outra entrevista e conversas informais, em que uma mulher adulta – ela se encaixa em *população flutuante* – possui uma identidade sexual fora do padrão moral convencional. Ela é membro de uma família tradicional do Rio Grande do Norte, que possui um chefe local, morador do Bairro Nortista. A mulher narra sobre os seus sentimentos de necessidade de si esconder (inclusive fora do Bairro e da cidade) para que seu avô e avó não saibam: “Ele é uma pessoa muito correta.” Em algumas situações, as suas experiências se intensificaram e seu segredo se ameaçava ser desvendado; muitas pessoas (da família e também conhecidos fora do Bairro) sabiam do segredo, contudo, as pessoas (inclusive filhos dos patriarcas, tios da pessoa) não contavam para os idosos.

Tuan diz que “a sociedade camponesa e iletrada é conservadora”. (Tuan, 1983, p. 116). Nota-se a valorização e o respeito da neta para o patriarca da família, mas também uma espécie de simulacro entre os parentes que sabem da situação, porém não contam ao casal. Essa pessoa, juntamente aos seus parentes se posicionava de forma tradicional e com discurso coerente e apresentável socialmente. Com o tempo, a pessoa, fora do Bairro, se permitia experimentar cada vez mais e dizia quando estava fora do bairro e principalmente da cidade: “O que acontece aqui, morre aqui.” Este “aqui” que a pessoa fala, é referente a um outro território, do qual a “liderança” de seus “avôs”, as experiências podem ser outras. Com orgulho, a mesma pessoa contava a história de vinda de seus avôs do Rio Grande do Norte até a chegada no Bairro Nortista. Percebe-se que a história epopeica, vindo caminhando, proporcionava um efeito de maior orgulho ao casal idoso.

Tuan (1983, p. 61) complementa que “o espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos.” Observa-se no convívio no bairro, em especial nas narrativas da mulher, como também a narrativa de José de Arimathéa, os valores das pessoas que moram no bairro. É demonstrada a condenação moral da “mulher nortista”, quando essa se aceita sexualmente e se experiencia além dos

padrões normativos. Na lembrança da entrevista com José de Arimathéa, notou-se a rapidez em dizer que “não havia mulher do Rio Grande do Norte na prostituição”, enquanto na atualidade a experiência sexual de membros desse grupo, é feito, mas escondido, pois se sabe das condenações morais e do grupo conservador que permeia a sociabilidade do bairro. Prostituição e/ou uma vida livre no sexo, para a mulher, principalmente de famílias do Rio Grande do Norte e que tem chefes locais, ainda tem o significado de transgredir regras morais e religiosas, e quem se demonstra de forma diferente, abala as estruturas estáveis e conservadoras, se “esconde”, ou mantém dentro de experiências não condenáveis.

Voltando as casas de prostituição de 1940 a 1980, essas eram famosas na região, sendo habitual também chegar trabalhadores rurais que vinham para o distrito, depois cidade, para gastar seu dinheiro em prostíbulos, como meio de diversão. Há muitas histórias de brigas e mortes naquele lugar. Destaca-se que esta rua é ainda uma das que tem casas mais antigas. Evidencia-se que a rua das casas de prostituição ficava abaixo das ruas dos bares, e a rodoviária, no meio. As narrativas apontam que as casas de prostituição tenham sido transferidas para outros setores, por volta do final da década de 1980, mas muitas ex prostitutas continuaram morando no bairro.

José de Arimathéa destaca a existência de música nas festas e pontua a existência de um homem nortista conhecido por “Muriçoca” e um outro homem goiano, chamado de “Capsila”. Eles tocavam nos bares e prostíbulos, sanfona e guitarra durante o auge das festas, entre as décadas de 1950 a 1980. Outro filho de Nortista, morador do Bairro Nortista, conhecido como “Bail” fala do bar do seu pai, que atraía muita gente até a década de 1980. “Muriçoca” e “Capsila” era um dos tocadores desse bar. Durante o dia, os dois eram trabalhadores rurais. Ele destaca “que como não havia outras formas de diversão, a festa e os cabarés era a diversão dos homens”.

Tuan (1983, p. 125) diz que “nas comunidades pré-letradas e tradicionais, as formas de vida social, econômica e religiosa estão bem integradas”. Com isso, percebe-se em uma das narrativas de Arimathéa fator peculiar, quando ele diz que “tanto a vila que se formara, e depois a cidade, era uma extensão rural, sendo as diversões para os homens voltados para bebida e sexo”. E para mulheres era vinculado a “festas religiosas católicas.” Halbwachs (2004, p. 141) diz que “no campo todas as negociações e todos os acordos se relacionam à terra” e esta relação rural permeia fortemente em Jussara até o início da década de 1980, devido a melhoria ligada a serviços e infraestrutura na cidade.

Portanto, percebe-se a formação do Bairro Nortista que permeou a construção de rede de famílias, da qual a vizinhança também agrega nesse grupo, acrescentando vivências

comuns. E José de Arimathéa destaca mais uma característica desta população dizendo que “o machismo entre os nortistas, em relação a mulher, é muito forte.”

2.3 Entre festas, encontros e confraternização no/do bairro nortista da final da década de 1980 a atualidade

Imagem 60: Entre família



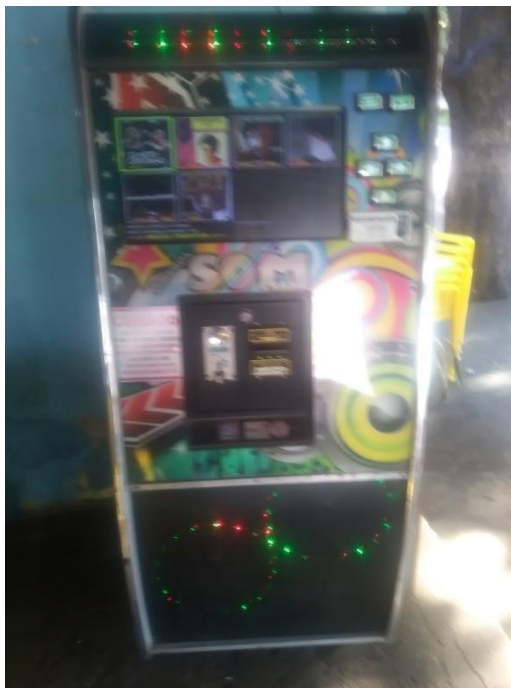
Fotografia entre novembro e dezembro 2018. Acervo particular: Hilda Freitas Silva.

Tuan (1983, p. 6) diz que “a sensação do espaço e lugar dos esquimós é bem diferente da dos americanos”. Para dialogar a esta teoria, pensamos a fala de José de Arimathéa (morador do Bairro Nortista) em que ele diz:

Se você sair do Bairro Nortista, ali no centro e perguntar sobre quem é o Senhor Belizário, o morador do outro bairro (que é questionado), não vai saber, mas se você perguntar para esse cachorro (apontando para o animal) aqui, ele sabe quem é.

Com esta fala, repensam-se as atribuições de valores, as pessoas e seus significados para determinado grupo, como também o desconhecimento e/ou não interesse de outro grupo sobre aquele assunto ou pessoa. Por isso, remetendo a Tuan (1983, p.13), como a sensação do espaço e lugar sendo diferentes, pois nossas relações sociais, também as são. O autor ainda relata que “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover”. Dessa forma, pensamos os movimentos festivos e/ou de confraternização no/do Bairro Nortista, como meio de encontro entre toda a cidade, onde pessoas até então desconhecidas e/ou ignoradas ficam em movimento e mudanças.

Imagem 61. Jukebox em Bar do Paraíba num dos muitos bares do Bairro Nortista



Paraíba morreu no segundo semestre de 2018 e o bar atualmente está fechado.
Fonte: Hilda Freitas Silva. Fotografia de 19 de janeiro de 2018.

Citam-se esses movimentos no Bairro Nortista, pois são através deles que faz com que “a experiência” fique “voltada para o mundo exterior” (TUAN, 1983, p. 10). É a partir do evento no bairro e/ou a partir do(s) bairro(s), que se potencializam sentidos de integração. Concorda-se com o autor (p. 151), porquanto “é impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço”. Ele ainda diz que “uma cidade desperta atenção para si mesma, alcançando poder e eminência, através da proporção e solenidade de seus ritos e festivais” (IDEM, p. 192). Compreende-se que as festividades é parte do processo cultural subjetivo e ao mesmo tempo coletivo, onde a reprodução do sistema social fica proeminente nas relações sociais estabelecidas e ressignificada através dos tempos e dos movimentos das populações.

O evento é definido por Casey (1996, p. 37) como “espaço temporalização do lugar, e o caminho no qual acontece como espaço temporalmente especificado”. Dessa maneira, compreende-se que o Bairro Nortista é um lugar de memória e de experiência cotidiana. Casey (p. 46) também define o lugar como um “substrato vazio no qual atributos culturais são fixados; ele é uma completa presença permeada por instituições e práticas constituídas culturalmente.” O evento programado é como o hábito cotidiano que permeia as situações de (re) invenção da cultura, só que em “festas”, o bairro se abre oficialmente a todos. Tuan (1983, p. 10) diz que “experienciar é vencer perigos”. Uma possível interpretação para isso é o fato de intensos contatos em eventos, que mesmo que seja programado, tal evento tem a

característica de movimentos imprevisíveis, aí procedendo o “perigo” e a possibilidade de mudança de paradigmas, como o estereótipo de *outsiders* para “estabelecido”.

Park (1987, p. 33) diz que “em diferentes épocas têm sido feitos esforços no sentido de reconstituir e dinamizar a vida nas vizinhanças citadinas e de coloca-las em contato com os interesses mais amplos da comunidade.”

Percebe-se que “os esforços no sentido de reconstituir” podem ser interpretados como forma de ressignificar lembranças e o experienciar, remodelando percepções anteriores. Tuan (1983, p. 13) questiona em “quais são os órgãos sensoriais e experiências que permitem os seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais?” e ele responde [...] “cinestesia, visão e tato. Movimentos tão simples como esticar os braços e as pernas são básicos para que tomemos consciência do espaço”. Assim, reaproxima-se das festas. Estas, no Bairro Nortista, eram organizadas por jovens adultos, com a supervisão de idosos.

A última festa realizada foi a festa junina na principal avenida do bairro. As “artes de fazer” (CERTEAU, 1996) estão nas festas e aqui evidenciamos as festas do Bairro Nortista, produzindo novas práticas e ressignificações. O acesso à dança é livre, entretanto, há predominância dos moradores do bairro no ato de se “balançarem”. Nela há a tradicional quadrilha, com roupas e alimentos típicos nordestinos e goianos. Muitas pessoas vão e participam diretamente da festa, outros ficam sentados em frente de suas casas observando o movimento.

Outro momento de confraternização e interação é o que acontece na Feira Municipal de Jussara. Esta foi inaugurada em 1986 e a partir daí possibilitou aos moradores um lugar apropriado para a venda de produtos alimentícios. Daí em diante há as feiras matinais aos domingos, sendo disponibilizado para a venda produtos de diversas regiões do Brasil. Nota-se o destaque na feira para os produtos denominados “caipiras”, o que é típico da identidade coletiva dessas populações. A feira fica no Bairro São Francisco que possui em grande parte, moradores de classe média, como também sendo estes de diferentes estados do Brasil. A feira neste local intensifica contatos com outras pessoas através da venda de produtos *in natura*.

Um outro acontecimento festivo importante aconteceu durante os anos de 2006 ao início de 2015 vinculado à Associação Jussarense de Modas, Acessórios e Artesanatos (AJUMA). Esta instituição é uma entidade civil de caráter privado e finalidade não econômica, que é regida por Estatuto Social que é o regimento interno. Segundo o estatuto, os objetivos principais são estimular o crescimento econômico de seus associados, inclusive preparando profissionais qualificados, sem custos financeiros para os mesmos; promover a

união da Comunidade em torna da entidade, com vista à representação e defesa de seus interesses comuns, no que diz respeito à melhoria de sua qualidade de vida; criar, produzir, industrializar, embalar e facilitar a comercialização das artes e confecções produzidas pelos associados.

Seu ateliê está localizado no Bairro Goiás, na cidade de Jussara. Com participação de pessoas de todas as cidades, mas com maioria de pessoas de famílias antigas do Bairro Nortista e Bairro Goiás. Para a exposição de suas mercadorias, foi feita a feira da AJUMA, da qual, além de produtos confeccionados pelos associados, havia a representação performática da população, consistindo em rodas de capoeira, alimentos *in natura* e caseiros, tudo embalado com músicas ao vivo e/ou mecânico.

Nota-se a relevância da própria AJUMA, como da Feira, dentro de processo de coesão do grupo como também de integração a toda população. Isso é justificado, pois foi essa associação que, promoveu a feira nas primeiras quintas feiras de todo mês, no período noturno, nos anos de 2006 ao início de 2015. Tuan (p. 17) reafirma, dizendo que os “sons enriquecem muito o sentimento humano em relação ao espaço.” E em todas as festas descritas, a música sendo um tipo de som, dava-lhe um caráter mais integrador do que das festas descritas no tópico anterior.

Outra situação de encontros e lugar são relativos à rodoviária de Jussara, que fica no Bairro Nortista. O funcionamento durante o dia, não sai do comum de rodoviárias (trânsito de passageiros e funcionários), mas a noite agrega, além disso, ruídos de namoro e flertes em volta da rodoviária, pessoas em busca de bebidas alcoólicas, entre outros entorpecentes ou outro fim não identificado. A rodoviária está entre a rua dos bares e a antiga rua de prostíbulos do bairro. Pensar e investigar o bairro durante o período noturno é intensificar sentidos para acionar questionamentos sobre as naturalizações existentes e os movimentos internos que tentam (ou não tentam) quebrar o simulacro. Aqui se investiga, portanto, o bairro não sendo algo isolado, mas sim, através dos tempos, de inúmeras formas de contato cultural e de constante resignificação.

2.4 A construção dos lugares

Polifonia vem do grego e significa “muitas vozes”. Polissemia também tem origem grega, que significa “algo que tem muitos significados”. Nesse sentido, pensa-se a compressão do tempo e espaço, que Doreen Massey (2000, p. 178) teoriza sobre movimento e comunicação. Por isso, o lugar é entendido como algo apropriado, de variadas narrativas e de

múltiplas significações pessoais e coletivas em movimento. Pensa-se, pois, inicialmente a identidade do morador do Bairro Nortista.

Falar que é um “nortista” no Bairro Nortista significa ser morador dali. Mas, percebe-se que tem nuances dentro dessa categoria, pois ao entrevistar notou-se em variadas vezes que o morador fala que é nortista, mas nasceu no Ceará, Pernambuco ou outro estado. Notou-se também a hierarquia no grupo, da qual os chefes locais, geralmente são homens que nascera no Rio Grande do Norte, pois estes se tornam referência moral, de atitude e/ou de história de vida para os demais. Esses homens constituem famílias que influenciam outras. Percebe-se essa hierarquia, porque nas entrevistas, quando pergunta sobre determinado morador, diz com veemência: “Ele é do Rio Grande do Norte” e quando é de outro estado, fala-se a história, mas com menor entusiasmo socialmente. Portanto, as histórias do morador do Bairro Nortista que é do Rio Grande do Norte, são histórias epopeicas e de maior influência no bairro. Estas especificidades podem ser entendidas com o conceito de Geertz (2008) no que se refere ao *ethos* quando ele resume em elementos valorativos, aspectos morais e estéticos de uma determinada cultura.

Observa-se a rede de parentesco sanguíneo e rede de ligação fraternal em (re) construção e fortalecimento no cotidiano no Bairro Nortista. Halbwachs (2004, p. 140) diz que “lembranças se conservam, no pensamento do grupo” e que (p. 143) “representando-nos a imagem do lugar, sejamos conduzidos a pensar em tal atuação do grupo que a ela esteve associada”.

Cita-se o exemplo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) como instituição hegemônica que enfatizou objetos oficiais e de grupos poderosos, no intuito de legitimar poderes nacionalmente no século XIX. Contrapondo-se a isso, há a descentralização lenta e gradual desse olhar, para uma valorização plural, onde lugares de memórias como bem cultural ganham possibilidades de visibilidade antropológica atual. Para isso, percebe-se o estudo dos usos e costumes do Bairro Nortista, como forma de (re) conhecer o plural, numa representação mais imediata e sem “atravessadores” (TAMASO, 2006. p. 270).

Robert Park (1987, p. 32) diz que “é importante saber quais são as forças que tendem a dissolver as tensões, os interesses e os sentimentos”. Localmente na cidade, uma estrutura de poder que atua cotidianamente no sentido de “atravessadora” é a rádio. Esta, apesar de ser concedida por dispositivo constitucional para rádios comunitárias, contraria a base de exercício de cidadania para este veículo, exercendo poder político partidário, religioso tradicional e de interesses capitalistas. Ou seja, “vai em contramão” a ideologia de pluralidade e democrática. Essas pesquisas direcionam a uma narrativa de Antônio Leandro, um nortista

do Rio Grande do Norte e morador do bairro: “É muito ruim não sermos (os nortistas) lembrados como *pioneiros*. E outras pessoas ‘que chegou’ após o início da cidade, sai dizendo na Rádio das histórias da cidade e de ser ‘quem é e quem não’ é *pioneiro*.”

Atenta-se para a polifonia e polissemia existente no social. Gupta e Ferguson (2000, p.38) dizem que “tanto o naturalismo etnológico como o nacional apresentam associações de povo e lugar como sólidas, criteriosas e pacíficas”. Em contrapartida, a realidade é dinâmica e por isso são “contestadas, incertas e fluidas”. Entendem-se os próprios movimentos de pessoas como sendo estas contestações.

Abaixo algumas fotografias – como representação – demonstrando o contexto de movimento, tendo como foco o ato de construir, destruir e reconstruir os lugares, o que repercute também em memórias ressignificadas. Aqui está em foco a reflexão da polifonia e polissemia, ora representada, ora “atravessada”.

Imagem 62: Mulheres e crianças da Colônia Agrícola de Água Limpa



Fotografia de data aproximada a década de 40 ou 50. Depois de muitos anos a fotografia recebeu a legenda como Jussara, referido ao nome da cidade municipalizada em 1958.

Fonte: Acervo fotográfico da Senhora Rebouças, dona do Cartório de Registro Civil em Jussara. Fotógrafo: Desconhecido.

Imagem 63: Destruição de Igreja Nossa Senhora das Graças, para construção de uma nova.



Fotografia da década de 1970.

Fonte: Acervo fotográfico da Senhora Rebouças: Fotógrafo: Desconhecido.

Imagem 64: Monumento em praça pública em homenagem ao Senhor Estevão Fernandes Rebouças



Monumento instituído em 1980, por iniciativa do então prefeito Francisco Rebouças de Souza.

Fonte: Em agosto/2014. Fotógrafo: Hilda Freitas Silva.

Este é o monumento em referência a uma única pessoa oficialmente *pioneira*, é a materialização da história de Jussara em praça pública. Portanto, é um lugar de memória oficial na/cidade. Ressalte-se o fato de que a igreja foi construída e o monumento foi colocado em direção com “a face” para o Bairro Nortista, sendo que é só caminhar 200 metros em frente e estará no bairro supracitado. As fotografias anteriores foram feitas no mesmo lugar, em tempos e representações diferentes.

Imagem 65: Praça pública de Jussara



Entre o monumento em homenagem ao *pioneiro* e o peculiar enfeite de natal: carros feitos de borrachas
Fonte: Em dezembro/2017. Fotógrafo: Hilda Freitas Silva.

Imagem 66: Praça pública de Jussara



Peculiar enfeite de natal: carros feitos de borrachas.
Fonte: Em dezembro/2017. Fotógrafo: Hilda Freitas Silva.

Como já demonstrado, do lado do Bairro Nortista, está o Bairro Goiás, onde há um processo histórico comum na formação do município, mas sem monumentos em praça pública. A cidade se expandiu territorialmente do lado oposto do Bairro Nortista, ou seja, do

outro lado em direção a Igreja que está na fotografia. Certeau (p. 171) diz: “A cidade-panorama é um simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento de práticas.”

Dessa forma, o autor aponta para as vivências, das quais as práticas são realizadas, mas o “desconhecimento de práticas” demonstra a naturalização e até certo descrédito das histórias plurais na sociedade. Tamaso complementa com o exemplo da etnografia da cidade de Goiás e apontando para o caráter dinâmico e fluido da cultura que a “Cruz não é representada pelo que significa para a história oficial, para o patrimônio nacional ou para a revisão historiográfica [...] mas sim pelo agente que se lembra” (TAMASO, 2006, p. 270).

Analisando esse contexto de cotidiano e ressignificações tanto de Certeau como de Tamaso, no dia 27 dezembro de 2015, uma criança de aproximadamente 03 anos passa com a família em frente ao monumento em homenagem ao *pioneiro*, e diz “Olha lá vovô, é o senhor”. A referida família não tem nenhuma relação com o pioneiro, mas a criança busca uma identificação de sua história através da suposta representação de seu avô no monumento do *pioneiro* colocado em praça pública.

O ato de “lembrar”, que Tamaso se refere, pode ser também dito como forma de identificação do sujeito. Considere-se o contexto de reinvenção através do cotidiano, do qual busca-se uma representação de si na história. Com isso, repensa-se o que Tuan (1983, p.11) diz que “experiência é constituída de sentimento e pensamento”, os usos e costumes e seus significados afetivos, tem destaque internamente para quem está envolvido na experiência, seja vivenciando diretamente ou para quem busca compreender as especificidades culturais.

No caso pesquisado por Tamaso (2006, p. 257), nota-se que com a “enchente que ao levar, traz” aponta uma série de questionamentos acerca da representação da Cruz do Anhanguera, após este acontecimento. Em relação à Jussara, a representação do *pioneiro*, aponta uma aparente fixidez no caráter “questionamento”. Entretanto, no cotidiano há a sutileza de pessoas e lugares, que analisado com o olhar mais crítico e sensível para o plural, percebe-se as contestações.

Tuan (1983, p. 189) diz que “as emoções começam a dar cor ao bairro inteiro [...] quando se percebe que o bairro tem rivais e que está ameaçando de alguma maneira, real ou imaginária”. Com isso, vê-se que o bairro se fortalece através da polarização que ocorreu (e ocorre) no social. O autor ainda afirma que (1983, p. 191) “a reputação de um distrito pode depender muito mais da propaganda de grupos de fora do que dos moradores locais”. Diante das relações sociais e das teorias, percebe-se que a movimentação contestatória da história do

pioneiro é indagada e/ou ofuscada cotidianamente pelos moradores do Bairro Nortista e por vezes, por moradores de outros bairros.

Como contestação simples e cotidiana (e naturalizada), pode-se perceber que o fato de a criança dizer que aquele monumento “é o avô”, possa ser o “gatilho acionado”, ou seja, o dispositivo filosófico, para repensar tudo que se vê e o que não se vê. A aparente fixidez pode se desfazer, apontando para reflexões sobre o caráter elitista e naturalizante que impõe a força do capital financeiro e/ou do nome familiar que impera no viés positivista da História.

Sendo assim, a versão única do povo que firma o exposto nos sites oficiais da prefeitura, como também ocorre um processo mimético, predominando a versão de um único povo, em demais instituições da cidade de Jussara, torna-se questionável no simples conversar com um ancião da cidade, quiçá do Bairro Nortista. Reconhece-se, então, as outras vozes e os movimentos de crianças, de jovens, de adultos e de idosos na cidade, em específico, no Bairro Nortista no decorrer de anos, ou seja, indo além da oficialidade.

CAPÍTULO 3
MEMÓRIA VIVA:
A cultura em reinvenção

Imagem 67. Fotografia em direção do quintal para a rua



Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em 31 de janeiro de 2019.

Buscando entender o sentido do lugar, aos poucos fui conseguindo entrar nas casas, tomar café com as pessoas, fazer laços que sugerem amizade. O intuito era fazer um exercício etnográfico e por meio deste utilizei formas de se “chegar” variadas. Uma delas foi de apresentar (ou reapresentar) fotografias antigas ditas de Jussara para os moradores do Bairro Nortista. O intuito desse exercício foi tentar buscar pela memória dos moradores algum tipo de identificação que poderiam ser de pessoas; de lugares; de momentos ou de outros não imaginados por mim, mas presentes no campo.

É importante salientar que essas fotografias foram disseminadas em Jussara, de forma que algumas dessas fotografias se encontram em quadros fotográficos em comércios; apresentadas em oficinas de cultura local; no plano diretor da cidade; como também em

pesquisas sobre a cidade numa perspectiva tautológica da oficialidade. Constata-se *in locu* que essas fotografias dizem ser de propriedade da dona de um Cartório de Registro Civil na cidade, embora, já tive a experiência de ver outras pessoas dizerem que essas fotografias serem suas também. Essas pessoas que geralmente dizem ser dono da foto, estão fora do Bairro Nortista. Aliás, eu nunca vi fotografias de propriedade de moradores do Bairro Nortista, pois até então, eles me dizem ter.

Mas indo além dessa questão de quem é dono, vejo que o importante nesse processo é pensar que a apropriação das fotos pode ter um sentido de apropriação da história, ou de um lugar de poder do qual quem tem as fotografias pode descrever a história e sedimentar a sua versão. Em outras palavras, a fotografia é um registro do passado que quem a tiver pode conseguir de forma menos dificultosa, um lugar de fala de possível convencimento para se contar a história. Assim, a fotografia seria uma prova disso e instrumento de legitimação.

Entretanto, há algumas peculiaridades como: exceto uma fotografia que há o registro do primeiro prefeito eleito em Jussara, cujo é reconhecido, até o momento, ninguém mais diz quem é quem nas fotos. Porém, essas fotos antigas, apresentadas no Bairro Nortista para seus moradores são reconhecidas os lugares e rememorados alguns momentos que nas fotos também representam. Assim sendo, constata-se os causos que transbordam ao ver as fotos, que como já descrito geralmente são causos que transitam do Nordeste e vinda para Goiás, como também da construção da cidade. Esse processo faz parte da reinvenção de um nordeste no interior goiano.

O que é preciso colocar em foco é que se há pouco ou é inexistente o reconhecimento de si das pessoas que estão nas fotografias, isso pode significar que existe outras pessoas que também contam suas histórias, ou seja, há outras narrativas pela cidade e fora dela. Por essa razão, há um forte indício de (re) criação sobre o mito do *pioneiro*, onde o exercício das fotos é somente um sinal de outras narrativas e outras versões. Assim, pergunta-se: Quem são essas pessoas que estão nas fotografias? Onde elas estão? Será que tem alguma pessoa na foto que ainda está viva?

Diante da impossibilidade no momento de resposta, entendo que as narrativas do Bairro Nortista é uma face (ainda que plural) da construção de um lugar. Por conseguinte, essencializar o processo de pioneirismo de construção de lugar em pioneirismo, ou um lugar apenas, é simplificar um processo que vaza sem parar. Desse modo, a questão é compreender o Bairro Nortista como um lugar de memória de coletivos, que quando problematizado, o campo se abre de forma dialética, indo além de postos hegemônicos e apontando para uma criatividade que desloca rótulos, emblemas e estigmas, apontando inclusive para outras

narrativas e realidades, além de ficar evidente o sistema de classificação dos nativos, como a concepção de nortista, sendo morador do Bairro Nortista, sendo acrescentados certa glória ou destaque dentro do Bairro Nortista, quando este morador é nascido ou filho de pessoa nascida no Rio Grande do Norte. Ou seja, o sistema de classificação do Bairro Nortista, é centralizado na visão dos nortistas.

3.1 O tempo e o Bairro Nortista

Imagem 68: Plantas



Fotografia de Hilda Freitas Silva em 31 de janeiro de 2019.

No âmbito teórico, Tim Ingold (2012), propõe a possível separação dos objetos e das coisas. Isso significa que a teoria desse pesquisador aponta para não apenas a mudança do nome objeto (para coisa), mas também, a forma com o que vemos. Para ele a coisa é relacionada a fios vitais (2012, p. 29) num diálogo direto com as coisas do mundo. Com isso, constata-se que o social é plural, polissêmico, um emaranhado que vaza e que se ressignifica vazando. E isso ficou notório no Bairro Nortista.

Nesta trajetória etnográfica, no Bairro Nortista, situado na cidade de Jussara, interior do estado de Goiás ficou observado que a maioria dos moradores é de classe socioeconômica

denominada pelo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE), como baixa. Percebem-se nas narrativas das pessoas do bairro, a valorização do lugar e a vida que se tem ali. Assim, a subsistência que obtém nesse local geralmente é reverenciada, principalmente pelos mais idosos.

Constatamos que a migração se tornou uma das mercadorias que apresenta a história através de sua visibilização, mas a própria experiência e existência do próprio Bairro Nortista tornam uma inscrição que vaza de forma pulsante. Isso é dito, pois à luz de Tim Ingold (2012), é necessário trazer as coisas de volta a vida, buscando as materialidades e a biografia das mesmas.

Percebe-se com Tim Ingold (2012) a “coisa”, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente. Nestes processos pensa-se a materialidade como ponto visível que deve ser questionada a todo instante. Esse posicionamento teórico é baseado em Baudrillard (1969) que nos incentiva a questionar o visível, indo de encontro à teoria de fluxos de Ingold. A respeito desse movimento, por isso aponte na construção etnográfica, lugares que tomam relevância na memória dos habitantes e dos transeuntes, ao mesmo tempo que se investiga as demandas e os desejos.

Esses lugares se tornam lugares de memória e podem ser pensados de acordo com Izabela Tamaso (2012, p. 22) quando demonstra que “as ‘ilhas’ do passado surgem em meio às cidades do mundo todo”. Essas ilhas são propriamente lugares de memória que fazem parte ou não a história oficial. A situação que Tamaso (2012) descreve, vai de encontro às rotas e desvios que Appadurai (2008) pontua e que com o tempo toma-se certa proeminência.

É nesse contexto de (re)invenção de lugares que ocorre a nova territorialização, da qual vai além das simplistas convenções dicotômicas material/imaterial, em lugares que, em 1958, tornam-se cidade, misturadas com outros lugares, em outros tempos e em outras paisagens, representadas na transposição e ressignificação material e imaterial do Nordeste para o cerrado goiano, amalgamada como ideologia religiosa. Com isso, pode-se dizer que o primeiro material que se tem é o território, sendo que nas palavras de Souza (2013), território é poder. Vê-se o poder em determinado lugar devido à referência ao próprio nome do bairro que emana e fica proeminente em peculiaridades nordestinas.

Amparado nos filósofos Deleuze e Félix Guattari (2004, p. 377), Tim Ingold (2012, p.26) demonstra que:

[...] Em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, substância e atributos, mas entre materiais e forças. Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas.

Nas categorias de materiais e forças que Ingold (2012) se refere, pode-se atrelar a essas, as demandas e desejos que Appadurai se refere. Portanto, percebe-se que a imaterialidade, as agências nos processos e nas coisas, constitui a identidade de pessoas, demonstrando singularidades dessas pessoas e desses lugares.

Maurice Halbwachs (2004, p. 156) complementa com exemplo religioso, dizendo que “um grupo religioso [...] tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure”. Dessa forma, o processo de nova territorialização é marcado também pela religião, assim são construídas as demais instituições e os costumes feitos em outro lugar, transformando em ideias e experiências que se renovam no novo lugar. Apesar dos conceitos de objeto e coisas serem conceitos diferentes, é notável que Halbwachs (2004) atenta-se para o contexto simbólico que se refere a objeto. Consequentemente, entende-se que o objeto que ele diz, seja a coisa que o Ingold pontua.

Além do *locu* Bairro Nortista como premissa, estive em outros lugares da cidade com moradores do Bairro Nortista; ex moradores do Bairro Nortista com parentes que moram no Bairro Nortista; pessoas que não moram ali, mas que tiveram ou têm ainda experiências no bairro e pessoas que nem conhecem, mas que julgam sem nem nunca ter estado no setor.

Destas últimas pessoas que nunca estiveram ali, escutei muito que no interior do estado de Goiás, como Jussara, é um lugar parado, sem graça e que nada acontece. Já ouvi também que pesquisa que trata de migrantes, especialmente migrantes nordestinos pelo interior do Brasil é uma pesquisa de menor importância. Descrevo com o filtro do eufemismo, pois o falar destas pessoas, por vezes, foram de extrema grosseria e institucionalmente nada foi feito. Assim, aqui se tem uma simples forma de protesto de que os lugares e os temas de pesquisas são muito mais que a objetificação arrogante que tantas pessoas fazem. Sendo que o respeito é algo que deveria ficar evidente, sobretudo quando se trata das diversas culturas existentes.

Halbwachs (2004, p. 145) demonstra que:

A sociedade não estabelece somente uma relação entre a imagem de um lugar e um escrito. Ela considera o local enquanto se relaciona então a uma pessoa, seja porque esta o tenha demarcado com balizas e cercas, seja porque ali reside habitualmente, porque o explora ou mande explorar.

Constata-se com Halbwachs (2004) que há interesses na construção da imagem de um lugar. Assim sou consciente das forças que perpassa a mim e a este trabalho, o que se torna uma responsabilidade maior em fazê-lo. Apesar destas forças que estou inserida, faço um esforço para pensar o Bairro Nortista de uma situação fora de panóplia, ou seja, fora de

um sentido institucional onde, na palavra de Roy Wagner descreve como “marcado” no sentido pejorativo (Roy Wagner, 2010, p. 64).

Isso é justificado através de Roy Wagner (2010, pp. 55-56) quando ele demonstra a funcionalidade da convenção permeando a ambiguidade da cultura, numa sistemática de instituições como lugares de memória e por outro lado, contrastando o cotidiano que permeia o fluido. Vê-se aí que a denominada cultura no último caso faz parte da inventividade não mediada – pelo menos não diretamente – e, portanto, a meu ver mais interessante devido à certa espontaneidade. Sabe-se que a marcação da cultura ou objetificação não é exclusivamente ruim, pode acontecer no sentido bom também. Nesse processo fui guiada através de caminhadas, encontros e de vivências de lembranças dialógicas entre mim e os interlocutores.

Pensando a teoria da criatividade, como diz Wagner (2010, p. 61), pensamos esse processo de construção com o campo como algo característico da cultura como ambígua e por vezes contraditória dentro dos processos de classificações sociais que a antropologia estuda. Isso é devido a seu caráter diverso de entendimento que as pessoas e dinâmico das culturas. Assim, os sistemas classificatórios e o acesso do antropólogo (pesquisador) a ele faz com que pensemos os nossos próprios repertórios culturais e cosmologias, como também as questões de reificação e objetificação dos repertórios culturais de nossos interlocutores.

Nessa recriação um dos repertórios culturais no Bairro Nortista é a literatura de cordel, como as memórias reinventadas em volta desse. Silvia e Tomácio (2014) demonstram que essa escrita faz parte de uma dimensão que vai da memória, romances ibéricos, histórias de conquistas que eram contadas e cantadas na era medieval. Portanto, esse contexto faz parte de uma herança reconstruída que vem de longa data, trazida para o Brasil pelos colonizadores europeus. Sendo que nesse processo de reinvenção, a movimentação interna de nordestino para o interior do Brasil, vê-se a literatura de cordel – e um bairro movido por memórias de tempos passados – no interior de Goiás.

Wagner (2010, p. 64) ainda diz:

Sob vários aspectos, essa ideia de cultura jamais deixou a imaginação antropológica. Nossas tentativas de metaforizar os povos tribais como "Cultura" os reduziram a técnicas e artefatos; nossas tentativas de produzir essas culturas etnologicamente, de compreender o "artefato" reproduzindo-o, redundaram em "sistemas" sobre-determinados.

Com a leitura do autor, é possível interpretar que o antropólogo busca no processo cognitivo classificar os povos que estuda. Ora, mas na fluidez a classificação marca a cultura como forma reificada e objetificada. É esse processo que o autor destaca nas relações de

objetos em museus, onde a materialidade é retirada do fluxo e nomenclatizada, tirando desse objeto o fluxo da relação dinâmica. Ora, mas no Bairro Nortista (e na cidade de Jussara-GO) não há esse processo institucional de pensar a cultura. Pelo menos até então nunca houve numa perspectiva museológica. Entretanto, independente disso, Wagner (2010, p. 72) diz que “o homem é o xamã de seus significados”. Assim, as classificações existem com ou sem museu.

Diante disso, atento para o fio condutor que reconheço no campo que existe através do movimento de experiências e expectativa que Koselleck demonstra como a tensão formada entre o passado e futuro. Isso significa que o tempo como marcador social, é percebível através de narrativas e nas relações sociais das pessoas que vivem no Bairro Nortista. Wagner (2010, p. 126) complementa que “assim como o espaço, o tempo jamais poderia ser percebido sem as distinções que lhe impomos”. Portanto, num exercício contrário, pode-se pensar o lugar construído como um amontoado de indícios pelo tempo, que por consequência de múltiplos agentes e reinvenções perfaz o lugar. Assim, seja as questões literárias, míticas, históricas, sociológicas e que entrelaçadas se apresentam e fazem o humano, veem-se nas formas de criatividade suas peculiaridades de sentidos de vidas, que se vivem hoje.

Ainda sobre o tempo, Wagner (2010, p. 127) diz:

O calendário, o relógio e a agenda, em seus aspectos "preditivos" ou organizadores, como controles coletivizantes, correspondem a um conhecimento deliberadamente artificial e cumulativo, a uma moralidade da distinção e do discernimento convencionais. Eles dividem nossa labuta de nosso repouso, nossa vida profissional "séria" de nossos períodos de relaxamento, sono, alimentação e "diversão", e do "espírito festivo" de individuação compulsiva por meio da distribuição de presentes (a "generosidade" que Mauss comparou com a vida ordinária dos povos tribais de maneira tão perspicaz) e do envio de cartões de Natal.

Em um exercício dialético com o tempo, percebe-se que o antropólogo nos atentando para os processos da vida, sendo o tempo, um dispositivo de entendimento sobre as coletividades, onde a sincronia e diacronia estão em interação. Assim, amparado por Mauss, Roy Wagner intensifica a ideia de que o tempo é produto dos seus fazedores. E na reificação e objetificação, abaixo segue uma sistematização não arbitrária do tempo do Bairro Nortista, percebido através da experiência etnográfica guiada pelos moradores:

✓ O tempo da criança: é um tempo onde a criança brinca e ouve as histórias do passado, revivendo com pessoas desse passado, com lugares reconstruídos através do sonho de um lugar bom para se viver;

✓ O tempo do adulto: é o tempo onde o trabalho é uma preocupação; a busca do emprego; o sentimento de afirmar-se como pessoa; reconhecimento ou desconsideração de que seu bairro e memórias do lugar são importantes, como também passa por um processo de maior mobilidade e experiências com outros lugares;

✓ O tempo do idoso: é o tempo onde se repensa tudo que se viveu ou que se quis viver; diálogo com gerações anteriores que envolvem saudosismo, orgulho ou descrença pela vida que se tem.

Sabe-se que esses processos sínteses feito acima, é por um lado uma objetificação, mas seguindo critérios da antropologia pós estruturalistas, entende-se que a sistematização demonstrada serve para compreendermos nuances não fixas, portanto há vazamentos de tempos e de sujeitos. Nota-se que o tempo da criança e do idoso se aproxima devido ao caráter de um estar no início da vida (e aprendendo muito) e outro está no final da vida (quase que se “despedindo”).

Nesse processo de vida e morte, o tempo vem à tona como componente de relações sociais que impulsiona a pensar as gerações e as continuidades através do recontar histórias. Nisso, constata-se que a oralidade no Bairro Nortista é muito forte, pois o tempo deles é permeado pela fala devido aos intensos laços existentes, que por vezes a escrita não alcança, muito menos a oficialidade histórica do município. Isso é entendível dessa forma, pois através de pesquisa bibliográfica na cidade, constata-se o raro interesse ou ligação de pessoas sobre o Bairro Nortista, numa perspectiva de participação valorativa na formação da cidade. E diante do mundo fenomênico, Wagner (2010, p. 128) descreve “o mundo fenomênico é a dialética inventiva” destacando com isso “o aspecto contraditório, paradoxal e propulsor da cultura”, atuando como formas de reinvenção do que lhe é imposto. E sobre a invenção, Wagner (2010, p. 128-129) diz:

A invenção é nossa surpresa, nosso mistério, nossa necessidade natural. É o refúgio o "outro lado", mas também a "causa" e a motivação de nossa ação consciente. Assim, o controle (e o mascaramento) da invenção é para nós um dever moral, algo que nós devemos fazer para poder viver e preservar nossos mistérios. É a moralidade do conhecimento, ou da ciência, e de um governo que sente a necessidade de construir a sociedade e de desenvolver e aperfeiçoar o quinhão da humanidade.

Ainda para pensar o tempo, Wagner (2010, p. 127) diz que “nós ‘fazemos’ uma cultura ameaçada, acossada e motivada pelo tempo; eles fazem o ‘tempo’ como uma ‘coisa que lhes pertence’ - acossada e motivada pela cultura”. Assim, o autor aponta que o tempo é uma das formas de pressionar o que presumimos como cultura, sendo que essa pressão é o que

o autor denomina como controle coletivizante. Nessa perspectiva, a dinâmica cultural fica proeminente, da qual se reinventa no passar do tempo.

Nessa dialética de tempo onde o lugar é construído, pensamos também a respeito da cidade. E Wagner (2010, p. 131) diz:

A cidade é Cultura, e se torna tão ambígua quanto a própria cultura; ela é um contexto (toda cidade é um contexto, abrangendo seus confins) que foi e é deliberadamente articulado, precipitando uma necessidade que se converte na própria necessidade da civilização. Ela é o maior dos nossos ‘duplos vínculos’ (todos os contextos relativizados são duplos vínculos, e é por isso e desse modo que eles são frustrantes); ao mesmo tempo a solução e o recipiente de nossos problemas. Vastas e esfareladas coletividades de argamassa, asfalto, aço e conhecimento, nossas cidades estão abarrotadas da ‘individuação de protesto’ do crime e do sarcasmo (muitas vezes relativizados até os extremos do crime organizado e do sarcasmo politizado). Assim como a Cultura econômica e comercial (‘dinheiro’) que constitui sua seiva vital e é sustentada pela motivação inventiva da propaganda, a cidade é Cultura a despeito de si mesma: observe a Cultura parodiando a si mesma no amontoado de favelas e prédios no horizonte. Mesmo aqueles que fogem dela levam consigo a ambiguidade nas acreções suburbanas que criam em seus arredores, como uma cidade além da cidade, uma cidade a despeito de si mesma.

Diante de Wagner vê-se que a cidade é um complexo de sentimentos que faz com que os sujeitos tenham sentimentos paradoxais, sendo que na construção desses lugares faz com que tenhamos sentimentos intensos em relação a este lugar. Outra parte importante é quando o autor descreve sobre a possibilidade da existência de uma cidade além da cidade. Essas especificidades são encontradas no Bairro Nortista e apontada pelos moradores, principalmente os mais velhos, como forma de experiência não reconhecida fora da cidade, mas que dentro do bairro tem seu valor.

Criamos o eu a partir do mundo da ação e o mundo da ação a partir do eu. Uma vez que ambos esses reinos - não importa qual deles tomemos como domínio da convenção - são igualmente produtos da invenção dialética, nenhum deles pode ser descrito de forma inequívoca como a fonte de nossas dificuldades pessoais e emocionais. (Wagner, 2010, p. 133)

É por isso que Wagner (2010, p. 131) demonstra que a “natureza, infelizmente, é ‘sistema’ a despeito de si mesmo, e tão ambígua quanto a Cultura. Remetendo-nos a uma natureza relativizada, nós obviamos a Cultura e vice-versa”. Sendo que a experiência no bairro é pensada através do olhar dos demais para o lugar. Assim, a expectativa e experiência, numa referência ao tempo que Koselleck e Wagner descrevem. Portanto, ficam em jogo para a construção e classificação para o Bairro Nortista e para os demais lugares a dialética das relações, onde os sentidos de lugares se imbricam na formação de novas classificações e/ou nas reificações de classificações já existentes.

Vejo a necessidade de fixarmos um pouco na palavra obviar, pois essa carrega um sentido na gramática de prevenir a ocorrência ou a concretização de atenuar os efeitos de;

atalhar, evitar, remediar; como no sentido de apresentar oposição; resistir, opor-se. Nesse jogo de palavras e de sentidos, nota-se que existe uma pluralidade de possibilidade de usos, tendo como predominância a situação do contexto de pertinência, mas de arbitrariedade na palavra obviamos.

A arbitrariedade pode ser dita devido o contexto onde a natureza é reformulada de forma arbitrária, mas continua sendo um tipo de natureza modificável. Desse modo, diferente daquela dita intocada pelo homem. Como existe a cultura como complexo do homem, onde este a faz, mas é feito por ela também. Assim, pensar esses contextos de invenção do sujeito é nos atentar para essas relações onde a fronteira de cultura é reificado e objetificado para podermos pelos menos compreender a cultura da fronteira (Gustavo Lins Ribeiro), já que o oposto é mais complexo de situar segundo o autor. No caso estudado, a cultura de fronteira é percebida no Bairro Nortista devido às experiências de lugares e dos tempos que aquela população se construiu.

No tópico sobre aprendendo a personalidade, percebe-se que Roy Wagner demonstra que a criação da personalidade transita em práticas e representações permeáveis e influenciáveis na reinvenção de si. É possível dizer isso, pois a construção teórica do autor é feita através de afirmações como “assim como a criança e o adolescente, a pessoa criativa precisa criar e depois moderar seus sintomas neuróticos” (Wagner, 2010, p. 140). Ou seja, há uma racionalização dos atos para que essa seja minimamente aceita coletivamente.

Pensando os detalhes que Enrico Castelli Gattinara (2018) diz na sua narrativa sobre a força dos detalhes, como também através sobre a multiplicidade temporal e verdades, histórias, realidades, penso o processo de sentidos que experienciei na pesquisa *in locu*. Nesse sentido, percebe-se com o professor italiano que os detalhes estão imersos de sentidos macro, portanto são dialéticos. Com o autor, vê-se que suas referências perpassam a história, mas também a filosofia, a antropologia entre outros. Nisso o que o pesquisador demonstra é que existe uma epistemologia do detalhe e/ou filosofia do detalhe que o homem dentro das diferentes ciências, não se consegue encaixar.

Diante disso, é o detalhe que, por vezes, ignoramos, mas é ele que compõe os lugares e que ressoam sentidos que movimentam as percepções. Esse processo de atentamento para o detalhe e a busca de compreensão de seus sentidos e contextos, provavelmente esteja presente em uma etnografia crítica. Assim, o autor demonstra que o detalhe movimenta e é a partir daí que podemos perceber os processos sendo ressignificados. Ou seja, o detalhe se refaz e é por isso que ele é um ponto importante de análise.

Pensando o Bairro Nortista, como “início de um detalhe”, este detalhe se tomou força. Diz isso, pois um grupo de pessoas que não tinham força política institucional, ou força econômica, teve em sua aglomeração em um lugar, a construção de sua força. Talvez seja essa a impressão que eu tinha quando criança de que o Bairro Nortista era unificado, homogêneo e harmônico. Mas com a pesquisa sinto que ultrapassei esse olhar singular do fixo e percebo os detalhes em movimento, logo, o Bairro Nortista em ressignificação. Ou seja, a força se instituiu no detalhe de uma cultura e de uma situação de criatividade constante. Destarte, é no detalhe da existência e resistência, que esse grupo se forma e permeia ainda o social.

Nesse processo de busca de compreensão do detalhe, que também penso constituir a etnografia, o detalhe pode ser perseguido através de uma caminhada. Para isso utilizo o pesquisador Paulo Raposo (2018) quando ele nos atenta para essa ideia, demonstrando o ativismo performativo, cartografias para uma performance pedestre, como também sendo a arte, política e a emergência de novos sujeitos políticos. Esse processo é o que se vê no Bairro Nortista, pois o tempo que se passa torna-se a existência de pessoas e de lugares ressignificados e, portanto, a experiência do lugar transita do que já viveram e da expectativa do futuro. Esse processo é importante para pensarmos tanto a constituição do tempo em movimento, como também a transição de sentidos, ou de multiplicidades de sentidos que o Bairro Nortista vai sendo reconstituído. O que pode ser pensado como detalhe, traz sentidos indiciários, onde o lugar se forma.

Imagem 69: Fragmentos da vida e da morte no Bairro Nortista



No fundo destas casas, correm o córrego Molha Biscoito.
Fotografia de Hilda Freitas Silva em 31 de janeiro de 2019.

Essa perspectiva de tempo, onde se atém entre expectativa e experiência, é algo muito pesquisado por Koselleck. Esse autor demonstra suas teorias históricas, apresentando o atento para a forma que a escrita é feita. Esse processo é permeado por questões do tempo e de suas inquietações locais que é a Alemanha. Ou seja, os seus textos carregam sentidos do lugar e do tempo que vive, assim pensar uma determinada teoria, é pensar as tensões do momento e do lugar que ela perpassa, ou seja, existe uma premissa antropológica do lugar que potencializa sentidos específicos. Diante disso, fica a todo o momento que o tempo do Bairro Nortista traz e/ou revela suas coisas idiossincráticas.

Sob esse viés, reforço especificamente com Koselleck que demonstra o futuro passado, como aspectos de inquietação do pesquisador, em que experiência e expectativa tencionam o sentir o momento e escrever a história. Sendo que essa tensão é também dos lugares e das pessoas. Esse processo é visivelmente ontológico e ligado aos sentidos do lugar que o autor/investigador e demais pessoas estão. Lendo Koselleck fica notório também a preocupação de fazer a teoria, tentando entender os seus conceitos locais, mas num processo semântico de construção singular. Assim, pensa-se a pesquisa *in locu* como lugar que me conduz aos seus conceitos, suas histórias e sentidos.

Nesse processo, o caminhar com as pessoas sempre foi presente. Caminhei com conhecidos do Bairro Nortista; Caminhei com conhecidos fora do Bairro Nortista; Caminhei com desconhecidos no Bairro Nortista; Caminhei com desconhecidos fora do Bairro Nortista. Caminhei entre casas, entre quintais, nas ruas. Conversei e vivenciei coisas com diferentes gerações. Umas mais densamente no tempo, outras curtas, mas também intensos. Enfim, a relação foi constante. Questionei pessoas do Bairro Nortista e fui questionada também. Posso continuar a utilizar formas de dizer, mas a intenção é demonstrar que o movimento de caminhar foi conjunto e sobretudo com eles. Nisso, a construção metodológica é etnográfica, sendo tentada sempre a ser deixada a que eles me guiassem.

Diante a construção textual aqui, tem uma característica de fluxo, da qual nas palavras de Koselleck vejo que seja o ideal: é uma construção do hoje que fica entre a experiência e a expectativa. Ou seja, entre os sentimentos saudosos do passado e do não saber do futuro, aonde o vai e vem do passado e futuro é corrente no hoje. Portanto, a escrita é um movimento, onde o caminhar de hoje se figura através de ontem e de amanhã. Essa é a formação de lugar e das pessoas que perpassam a etnografia das ideias e dos repertórios culturais. Caminhei, e continuo a caminhar. Mas não estou sozinha, são eles que me guiam e que desloca o que penso saber.

Imagem 70: Casa de uma família nordestina situado no Bairro Nortista



Fonte: Acervo particular de Hilda Freitas Silva. Data: agosto/2014.

Imagem 71. Construção sendo realizada no lote onde o cavalo da fotografia anterior estava



Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em 24 de novembro/2018.

3.2 A reinvenção do humano: Um ensaio intercultural sobre a movimentação humana e a decolonialidade

Conforme nos elucida Aníbal Quijano (2005), as nossas relações sociais são baseadas na categoria raça. Como menção a lei maior do país, a Constituição Federativa do Brasil (Brasil, 1988) utiliza-se abaixo com forma introdutória, fragmento que demonstra a equidade desejada nelas relações:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. § 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela *necessitem*.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

Apesar do que é postulado na lei no sentido amplo, o que existe na criatividade humana é o conflito e hierarquia. Assim, apesar do âmbito do direito da concepção de legalidade, impessoalidade, moralidade, proporcionalidade e equidade nas relações dos brasileiros, nota-se com Quijano que na prática da sociedade (entre pessoas e instituições), o que vigora é a construção hierárquica através da raça. Assim há um distanciamento do que lei postula diante do que é vivido, como também sabe-se que a lei em sua grande maioria é feito por homens, geralmente brancos e de classe historicamente privilegiada economicamente. Dessa forma, para o cumprimento da lei e especificamente para uma intervenção social justa,

necessita-se de engajamento e posicionamento político dos subalternizados que pressione a mudança. O que noto no Bairro Nortista é uma falta de engajamento, dos próprios moradores daquele local. Talvez seja esta uma das justificativas do bairro ter sido considerado *outsiders*.

Destaca-se que desde pleito eleitoral de 2012 e depois o de 2016, está em cargo de vereador da cidade, o neto do sr. Candinho (fotografia 17), o ex mototaxista, Cândido Neto como já demonstrado, se diz indígena. Nota-se que a participação do seu neto na política municipal, potencializa esperanças para novas conquistas do Bairro Nortista (devido a história familiar que ele representa do avô) e por isso, pode representar de fato uma descentralização política, para estes lugares periféricos.

No campo experienciado e no contexto bibliográfico, constata-se com Boaventura de Sousa Santos (2010), que o colonialismo, para além das dominações já conhecidas, foi/é uma dominação epistemológica, tendo como construção fundante, uma colonialidade do poder, do saber e do ser. Por isso, para o autor existe uma relação desigual de saber-poder, relegando saberes outros e construindo espaços de subalternidade. Assim, este autor nos atenta para além do pensamento abissal, nos direcionando a uma ecologia dos saberes, como também existindo uma tensão epistemológica e política, que envolve inclusive a concepção de direitos sobre a cultura. Então, ter uma pessoa na política, que leve pautas populares, sabendo da necessidade real do lugar, pode favorecer uma ação institucional de maior eficácia.

Dessa forma, as teorias da interculturalidade crítica de Santos e de outros teóricos, percebe-se a possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica, possibilitando outras realidades e pretendem contribuir para credibilizar e fortalecer pessoas outras. Dessarte, vê-se que é importante ter conhecimento da existência das epistemologias outras, não ficando apenas na monocultura do saber, mas também atento a forma de como tais conhecimentos são reconhecidos, como também o contexto impactado.

Nesse panorama, é importante conhecer o conceito de epistemologias do sul, sendo este formulado inicialmente por Boaventura (1995), sendo o conceito alvo de vários debates posteriormente. Em suma, para esse autor é importante pensar/aprender que existe o Sul; aprender ir para o Sul, a partir dali e com ele. Portanto, as epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos, perpassando a dita ciência, a oficialidade e as concepções de direito do ocidente.

Nesse processo, tem-se aqui a perspectiva desse e de demais autores que se posicionam criticamente diante os efeitos da colonização, em que a dominação econômica,

política e cultural se traduziram na construção de hierarquia entre conhecimentos, ressoando em posições subalternizadas para determinados grupos. Portanto, particularmente, pensar o humano, é pensar as suas dinâmicas, o contato intercultural da movimentação humana, como também a decolonialidade, assim pensando os deslocamentos de experiências e de resistências.

Martín e Madroñal (2016) atenta justamente para pesquisa local e suas potencialidades de transformação em volta de uma melhoria de vida das pessoas donas do saber pesquisado. É esse estudo comprometido e politicamente posicionado com o social, que segundo esses autores devem ser difundidos. Entre os argumentos, pensa-se também através do uso de determinada cultura, para fins que não tem usufruto de seus donos. Assim, pensar o Bairro Nortista, também respeitando suas histórias e memórias, é uma forma de visibilizar pessoas em situação de subalternidade, mas que resiste diante de questões políticas, sociais e ambientais, que no caso envolve a seca do nordeste.

Diante disso, é através do estudo das ausências e das emergências sociais (SANTOS, 2002) que se inicia o processo de rompimento da monocultura do saber e que no caso de Jussara, está relacionado a categoria *pioneiro*, como de outras necessidades mais urgentes, como escola mais próxima de casa, educação de qualidade, questões que envolve o emprego, etc. E para entender mais estas ausências de violência, tem-se em mente a barbárie da colonialidade, que se mantém com amarras sociais dos privilégios e de construção naturalizada de lugares e saberes menosprezados. O que para o Bairro Nortista, ter um morador como vereador, pode tensionar a modificação de tal situação.

Há ainda uma divisão classificatória de civilização e de barbárie que vigora que segundo Quijano (2005), se baseia na raça. Sendo que no Bairro Nortista, os negros, de variadas tonalidades e indígenas, estão ali. A pobreza e a beleza das histórias transcendem ao fenótipo, a materialidade aponta para traços físicos que a subjetividade amplia percepções de luta social. Talvez estes lugares distantes de capital, da metrópole, seja um lugar que representa a população brasileira, nos seus sonhos, devaneios, maldades e desesperos.

Para complementar a discussão, vejamos o que Aníbal Quijano (2005, p. 111) diz:

Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas - entre seus descobrimentos culturais - aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança

intelectual objetivada. Algo equivalente ocorreu na África. Sem dúvida muito menor foi a repressão no caso da Ásia, onde portanto uma parte importante da história e da herança intelectual, escrita, pôde ser preservada. E foi isso, precisamente, o que deu origem à categoria de Oriente. Em terceiro lugar, forçaram - também em medidas variáveis em cada caso - os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa. É este o caso da religiosidade judaico-cristã. Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura.

Percebe-se com Quijano, que a expropriação de bens era, sobretudo uma marca da colonização. O autor ainda demonstra a repressão das cosmologias do colonizados era uma prática comum, como também aconteceu à dominação através do uso da força, da qual colonizados eram obrigados a aprender sobre o conhecimento dos colonizadores. Nesse sentido, reconhecer a história e memória de um lugar é reconhecer suas lutas e valorizar seres humanos.

Nota-se ainda que a cultura continua sendo o ponto estratégico de dominância e ao mesmo tempo um direito fundamental ao indivíduo, que está em lei, mas a luta pela justiça social continua independente dessa. Nesse sentido, o que se apresentou não é um mero academicismo, mas sim situações práticas e obras que nos alude a pensar a utilidade desses contextos numa ótica intercultural e decolonial no cotidiano. Desse modo, outros conhecimentos, outras narrativas, ficam em proeminência na reinvenção do humano.

Constata-se que os saberes visibilizados são meio de disputa política, em que a subalternidade histórica e a forma que são visibilizados esses saberes são os pontos que se questiona devido ao uso desses saberes por outros. Constata-se também que raça e poder se demonstram entrelaçadas, além do século XVIII, como também na atualidade. Ademais, ficam em proeminência que existe dentro desse processo de visibilização, as tensões e conflitos devido a interesses exploratórios reinventados.

Portanto, acredita-se que as pesquisas politicamente engajadas e a participação política, como a do vereador Cândido Neto em Jussara, têm um potencial de intervenção social que pode minimizar os efeitos das históricas injustiças sociais. Nesse movimento, há o pensamento de saberes que vai além da universidade, que alcança os negros, indígenas e demais pessoas que estão neste meio de exploração e historicamente de subalternidade, quem tem a sua cadeira já garantida na instituição de poder, faz (por vezes) calar aquele fruto de uma sociologia da ausência e da emergência. Sendo que este ser subalternizado, em sua

história de vida, vem do surgimento na tentativa de refazer uma história de exploração que é sua sim, mas que é de toda a sua antecendência familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente de bairros de cidade que são polos de indústrias, Jussara ainda é uma cidade pequena e com aspectos rurais. Isso faz com que as relações humanas sejam mais visuais e com atividades ligadas a necessidades básicas. No Bairro Nortista a sociabilidade torna-se proeminente pela existência dos antigos moradores, de suas tradições ressignificadas cotidianamente e de espaços interligados, incluindo nesses, o imaginário do nordeste (em interação com demais pessoas de diferentes lugares) transpassado à (trans)formação da imagem de *outsiders*.

Pode-se dizer que na perspectiva masculina, é uma vida romantizada pela existência da água; na perspectiva feminina, reconhece o valor da água, mas as mulheres se demonstram mais realistas e em busca de uma vida melhor, sobretudo em relação melhor infraestrutura do Bairro Nortista. Para chegarmos a esses posicionamentos, vê-se que foram percorridos lugares e memórias de pessoas ligadas ao Bairro Nortista em diferentes momentos.

É por meio desta construção etnográfica que vejo o quanto têm em nós, migrantes nordestinos ou não, a intensidade e marcas dos lugares. Estas marcas aparecem, às vezes, sutilmente, em outras vezes são fortes e proeminentes. De qualquer forma, a constituição do Bairro Nortista representa uma história maior sobre fluxos vitais pelo país, como também representa a ineficácia de políticas públicas, aliada às questões de desejos e demandas de pessoas que buscam melhores condições de vida. Com suporte antropológico, pode-se dizer que esse processo presume-se a questão de etnografia das ideias e dos repertórios culturais, num refazer de identidade, num processo social, sendo visíveis características e ações da modernidade que são ressignificadas na atualidade.

Com isso através do método etnográfico foi possível compreender as movimentações culturais que formam o Bairro Nortista, num processo de imersão de circulação, portanto, de fluxo. Esse, vaza entre casas e quintais e entre ruas do Bairro Nortista e fora dele. Notou-se que este é o lugar de experiências de populações, nevrálgico e proeminente em performances culturais no decorrer da nova territorialização, que envolve a futura cidade e carregam em si muitas simbologias que envolvem uma coletividade.

Entretanto, foi também percebida através das análises das fotos “antigas” (e portanto, não fotografada pela então pesquisadora) que com os interlocutores existem um reconhecimento dos lugares e dos momentos ali apresentados no documento, mas sem um reconhecimento de pessoas, exceto do primeiro prefeito. Assim, é possível entender que pode-se haver outras narrativas, em outros bairros, histórias que remetem ao período de formação

da cidade. Com isso, o que se confirma é a pluralidade de histórias e de identidades, não somente no Bairro Nortista, mas apontando que existe uma polifonia além do lugar.

Percebeu-se que o Bairro Nortista é um lugar historicamente de moradores de classe econômica baixa, com tradição como lugar de memória; e que na densa tessitura, amalgamam à vizinhança familiar, principalmente em tempos atuais. Dessa maneira, fica em destaque na pesquisa a experiência de populações, que de forma desbravadoras de si mesmas, de territórios longínquos, reconstroem sonhos e devaneios. Identifiquei somente duas pessoas vivas, como chefe local que são nascidas do Rio Grande do Norte. Eles são José Maia Lacerda e o pai do José de Arimathéa.

Entende-se como pontos centrais deste trabalho, a questão de (re)pensar a “Cultura”, a característica da antropologia contemporânea de não hierarquizar (mas compreender a hierarquização que existe socialmente) e processo dinâmico dessa categoria. Dessa forma, é essencial pensar o social de forma plural. Sabe-se, no entanto, que há poderes que fazem gestão do plural (seja institucional e/ou pela tradição) e que tentam normatizar o fluido. Nisso, repensar o conceito no sentido prático é essencial para repensar os posicionamentos teóricos acerca do “outro” e dos posicionamentos teóricos de investigação antropológica.

Compreende-se que mais do que explicações convencionais, romantizadas e/ou falaciosas, é preciso pensar na alteridade, na politização e na perspectiva da experiência. Afinal, a construção dos lugares permeia as ações, que são, por inúmeros momentos, suprimidas e/ou invisibilizadas, tanto em relações de gênero, como em outros conflitos simbólicos (e físicos). Esse contexto partiu das reflexões sobre os bens culturais de um bairro e processos de poderes que demais pessoas da cidade estão inseridas, devido ao peso histórico e simbólico que o Bairro Nortista tem.

Dessa forma, a palavra central desse trabalho seja “polifonia”. Isso se justifica, pois essas vozes estão latentes, insurgentes e resistentes. Negar essas disjunções é negar a própria dinâmica da vida, dentro e fora do bairro, bem como no contato entre todos. Eis o momento de aparecer e de ser mediada nesse aparecimento, ou talvez, sem mediação. Enfim, são incertezas da vida presente, mas que nos atenta que a vida está em curso e “ver”, “ouvir” e “sentir” sejam os atos mais interessantes nesse processo. Afinal, o que se tem é uma territorialização diferente e pulsante, e, portanto, viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS, ARTIGO E TESES

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BAUDRILLARD, Jean - **O sistema dos objetos**. (Tradução Zulmira. R. Tavares). São Paulo. 1969.

APPADURAI, Arjun. **Sovereignty without Territoriality**: notes for a posnational geography. (pp. 337--350). In: LOW, Setha; LAWRENCE--ZÚNIGA, Denise. 2003. *Locating Culture. The Anthropology of Space and a Place*. BlackwellPublishing.

ARANTES. Antonio.A.2000.**A guerra dos lugares**. Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público. Campinas, SP: Editorada Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.

BENITO, Núria Jornet i. **Reseña de "Arquivística**. Teoria e prática de uma ciência da informação" de Armando Malheiro de Silva, Fernanda Ribeiro, Julio Ramos y Manuel Luís Real. *Anales de Documentación*, núm. 3, 2000, pp. 220-223, Universidad de Murcia, España. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63500315>>. Acesso em: 12 jul.2014.

BERTRAN, Paulo. O desbravamento do Brasil Central começou com a construção da cidade Goiânia, iniciativa de Getúlio Vargas. **Revista História Viva Grandes Temas**. O Brasil que Getúlio Sonhou. São Paulo, Ediouro, v. 1, n. 4, ago. 2004

BOURDIEU, Pierre.2002. A casa ou o mundo ao contrário. In: **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta Editora.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil. S.A. 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: UFG, 2004.

BURKE, Peter. 1937 **O que é história cultural?**/ Peter Burke; tradução: Sérgio Goes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CAMPOS, Marcio D’Olne. **SURear, NORTEar y ORIENTar**: puntos de vista desde los hemisférios, la hegemonia y los indígenas. 433-458.

CASEY, Edward S. 1996. How to get from space to place in a fairly short stretch of time. In: FELD, Steven; BASSO, Keith (Orgs.) **Senses of Place**. Santa Fé, Novo México: School of American Research Press. (pp.13--51).

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder uma análise da mídia**. São Paulo Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006

CHAUL, Nasr Fayad. Marchas para o Oeste. IN: Silva, Luiz Sérgio Duarte da. (ORG). **Relação cidade-campo**: Fronteiras, Goiânia: Ed. UFG, 2000.

CUSTÓDIO, Osmar L. **Rua 79: encantos e conflitos de uma antiga rua no centro de Goiânia**. In: Hilda Freitas Silva; Túlio Fernando Mendanha de Oliveira; Gleidson de Oliveira Moreira. (Org.). Etnografias e sentidos antropológicos. 1ed. Juiz de Fora - MG: Editar - Editora Associada Ltda, 2018, v. 1, p. 11-22.

DUSSEL, Enrique. Meditaciones anti-cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la Modernidad. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 153-197 julio-diciembre 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARIAS, Izilene Aparecida Rebouças. ARAÚJO, Marlene Soares de. SOUZA, Vicentina das Graças P. Diniz. **Uma Viagem No Tempo: De Colônia Água Limpa à Jussara-GO (1940-1959)** 2003. Monografia. Universidade Salgado de Oliveira.

GEERTZ, Clifford. **A arte como sistema cultural**. In: **Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998, p.142-181.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. - l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade Brasileira. In: **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 419–442.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da cultura’: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p.30-49. p.32.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Porto Alegre: DP&A,

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012 .

- JACKSON, John Brinckerhoff. 1984. **Discovering the Vernacular Landscape**. New Haven and London: Yale University Press.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LATOUR, Bruno. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 07-26, jun. 1995 .
- LATOUR, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem? **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, jun. 2008
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC. 2012.
- LE GOFF, Jacques, **História e memória**. tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEITÃO, Rosani Moreira. **Diversidade Cultural e Cidadania**. Universidade Federal de Goiás. 2014.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira de. **O desencanto do oeste**. Editora da UCG. Goiânia, 2001.
- MAGNANI, J. GUILHERME C. e TORRES, LILIAN (org.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo, Edusp, 2000 (Cap. 1)
- MAGNANI, J. GUILHERME C – **Santana de Parnaíba: memória e Cotidiano**. São Paulo, (<http://nau.fflch.usp.br/>)
- MAGNANI, J. GUILHERME C. "Vai ter música?: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo". In: **Revista Ponto Urbe**, n. 1, ano 2007
- MAGNANI, J. GUILHERME. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, Coleção Antropologia Hoje, 2012.
- MAGNANI, J. GUILHERME – “O circuito: proposta de delimitação da categoria”. In: **Revista Ponto Urbe**, n. 15, 2014.
- MAGNANI, J. GUILHERME - “A Copa do Povo e o Vale do Lório: duas experiências sob o olhar etnográfico ‘de perto e de dentro’” In: **Áltera - Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 112-143, jul./dez. 2015.
- MALPAS, J. E. **Place and Experience**. A philosophical topography. Cambridge: Cambridge University Press.
- MASSEY, Doreen. 2000. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.) **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, pp. 176-185.
- MIGNOLO, Walter. **La opción de-colonial: desprendimiento y apertura**. Un manifiesto y un caso. 2008.
- PAIVA, Pedro. H. B. **Ocupação do Jardim Botânico: um lugar de conflitos e de festas**. In:

Hilda Freitas Silva; Túlio Fernando Mendanha de Oliveira; Gleidson de Oliveira Moreira. (Org.). *Etnografias e Sentidos Antropológicos*. 1ed. Juiz de Fora: Editar Editora, 2018, v. 1, p. 23-36.

PARK, Robert. 1979. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, O. (org) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. In: *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, Goiânia, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005. pp. 227-277.

SAAD, Edla Pacheco. Itapirapuã - **A Sesmaria e a Cidade**. Instituto Goiano do Livro. 1978.

SANTOS, B. de S. MENESSES, M: P. (Orgs.) “Da colonialidade a decolonialidade (Parte I); Geopolíticas e a sua subversão (Parte III)”. In: **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31–171; 341–516.

SILVA, Sandro Dutra e. **Os estigmatizados: distinções urbanas às margens do Rio das Almas em Goiás (1941-1959)**. 2008. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 1. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013.

SUAREZ-KRABBE, Júlia. En la realidad. Hacia metodologías de investigación descoloniales. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, No. 14: 183-204, enero-junio 2011.

TAMASO, Izabela. 2006. **A Cruz do Anhanguera: representações, experiências, memórias, patrimônio**. In: F RUGOLIJR., Heitor; ANDRADE, Luciana T.de; PEIXOTO, Fernanda A.(orgs.) **A cidade e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. PUCMinas/Edusp, pp.245-273.

TAMASO, Izabela. Etnografando os sentidos do lugar. In: TAMASO, I.; FILHO, M.F. (Orgs.) **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Goiânia/Brasília: Ed. UFG/ABA.

TAMASO, Izabela Maria. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e a identidade. **Polifonia do Patrimônio/** (Organizadores) Zuleide Casagrande de Paula, Lúcia Glicério Mendonça, Jorge Luis Romanello. – Londrina: EDUEL, 2012.

TAMASO, Izabela Maria. **A Expansão do Patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios**. *Sociedade e Cultura*, UFG, v. 8, n. 2, p. 13-36, 2005. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fchf&page=article&op=view&path%5B%5D=1008&path%5B%5D=1203>> Último acesso em 29 dez.2015.

TAMASO, Izabela Maria. **Em nome de patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás**. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

OLIVEIRA, Túlio Fernando Mendanha de. Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. **“Toma cuidado com esses baianos”: migração, identidade e preconceito na relação entre estabelecidos e outsiders em Inhumas (GO)** 2017.

SIMMEL, GEORG. “A Metrópole e a Vida Mental”, In VELHO, O. (org) - **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

WILLEMS, EMÍLIO. Cunha: **Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil**. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1947.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O.(Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

DOCUMENTOS NA REDE DE INTERNET

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf acessado em 01/12/2014 às 15:42.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO. Disponível em: [http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=521220&idtema=97&search=goia sljussara censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao-](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=521220&idtema=97&search=goia%20sljussara%20censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao-) Acessado em 7/06/2015.

ARQUIVO PESSOAL DE FOTOGRAFIAS DA SENHORA LOURDES REBOUÇAS

Todas as fotografias dos períodos entre as décadas de 30 a 80, colocadas na dissertação.

MATERIAL AUDIOVISUAL

O SAL DA TERRA. Direção: Juliano Ribeiro Salgado e Wim Wenders. Produção: David Rosier. Brasil, França, Itália. Le pacte/ Decia filmes/ Amazonas Images/ Fondazione Solares dele Arti. 2015.